

Vanildo Luiz Zugno (Org.)



Vida Religiosa
Consagrada:
novos contextos,
desafios renovados



CRB/RS



Porto Alegre 2019

Vanildo Luiz Zugno (Org.)

Vida Religiosa Consagrada:

Novos contextos, desafios renovados.



CRB/RS



Porto Alegre 2019

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

REGIONAL RIO GRANDE DO SUL

Coordenação: Irmã Aldinha Inês Welzbacher, ICM

Equipe de Coordenação: Irmã Lurdes Luke, IDP; Frei Márcio Barcellos Vargas, OCD; Irmã Regina Candida Führ, ISC; Frei Vanildo Luiz Zugno, OFMCap

Travessa Francisco de Leonardo Truda, 98, 2º andar, salas 25,
Centro, Porto Alegre, RS
Fone: (51) 3221-0050; (51) 3221-0277

www.crbrs.org.br
facebook/crbrs
coordenacaocrbrs@gmail.com
assessoriacrbrs@gmail.com
comunicacrbrs@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V648 Vida religiosa consagrada: novos contextos, desafios renovados [recurso eletrônico] / Vanildo Luiz Zugno (Org.). 1. ed. – Porto Alegre: ESTEF, CRB/RS, 2019.
88 p. ; 21 cm.
Dados eletrônicos.
1,3 MB.
ISBN 978-85-99481-50-9.
Modo de acesso: <<https://www.crbrs.org.br/wp-content/uploads/2019/05/livrocrb.pdf>>

1. Vida religiosa. 2. Vida consagrada. I. Zugno, Vanildo Luiz (Org.). II. Conferência dos Religiosos do Brasil – Rio Grande do Sul. III. Título.

CDU 271

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

SUMÁRIO

Apresentação

Frei Vanildo Luiz Zugno.....p. 04

Novas formas de Vida Consagrada e Novas Comunidades

Frei Nestor Schwerz.....p. 08

A urgência da atenção às necessidades dos religiosos adultos

Pe. Itacir Brassiani.....p. 22

Interculturalidade e Vida Religiosa Consagrada

Pe. Luís Paul Muñoz Célleri.....p. 26

Relação de ajuda e acompanhamento formativo

Frei João Carlos Karling.....p. 37

Vida Religiosa Consagrada e Políticas Públicas

Ir. Raquel Pena Pinto.....p. 46

Despertando Vocações: reflexões sobre o Ano Vocacional

Ir. Clóvis Trezzi.....p. 52

Por um crepúsculo que recolha o frescor da aurora e a luz do meio dia

Pe. Itacir Brassiani.....p. 61

Considerações Finais

Ir. Aldinha Inês Welzbacher..... p.84

APRESENTAÇÃO

A Vida Religiosa Consagrada, como toda e qualquer instituição, tem passado, no decorrer dos tempos, por várias e profundas mudanças.

Surgida como vida religiosa monástica no período crítico da derrocada do Império Romano, ela buscava, ao mesmo tempo, ser um espaço de estabilidade e segurança em meio à crise social, religiosa e eclesial daqueles conturbados tempos, e ser também um sacramento de um sinal de uma sociedade justa fraterna. Sob a autoridade do abade/abadessa e de uma regra comum à qual todos se submetiam, ao ritmo da oração e do trabalho, eram partilhada a oração, a esperança, o teto e o pão.

No início do segundo milênio da era cristã, quando a sociedade feudal começava a mover-se sob a força dos caminhos e cidades que descortinavam um novo horizonte e a Igreja atingia o auge da riqueza e do poder, a vida religiosa se refaz como itinerante, pobre e missionária nas ordens mendicantes.

No início dos tempos modernos, quando a Europa, fugindo do cerco muçulmano e da crise religiosa que faz saltar em pedaços a unidade da Igreja no Ocidente, surgem as congregações missionárias. Unidos pelos laços da associação, homens e mulheres se organizam em vista da missão e da caridade, tanto dentro da Europa, como pelos novos continentes aos quais as naus aportavam levando soldados, comerciantes e missionários.

Nos dias que nos cabe viver, a sociedade está vivendo uma mudança tão intensa que já não podemos apenas falar em “época de mudanças”, mas em “mudança de época”. As transformações culturais das quais as inovações científicas e comunicacionais são,

ao mesmo tempo, consequência e expressão, indicam que os paradigmas da modernidade já não são suficientes para compreender os tempos em que vivemos. O mesmo diga-se das profundas mutações no campo econômico com o declínio do capitalismo ocidental e a emergência do complexo econômico asiático como motor da inovação, produção e consumo. Na política, a democracia tão cara ao homem civilizado moderno, está sendo questionada, senão suplantada, por novas formas de totalitarismo não mais impostas pela força das armas, mas pelo predatório mercado e pela sutil mídia que constrói realidades alternativas às da grande maioria da população.

No cenário das religiões, enquanto líderes proféticos como o Papa Francisco e o Dalai Lama buscam aproximar as grandes tradições e promover o diálogo, emergem, tanto no seio das tradições longevas como dos novos movimentos religiosos, irrupções de fundamentalismo, intolerância e violência que a todos horroriza pelo seu caráter sacrílego.

A Igreja Católica, cinquenta anos após o Concílio que se propôs a dialogar com a modernidade, vive ainda os estertores de uma transição incompleta. No Trono de São Pedro temos o Papa Francisco, livre de toda amarra institucional e mundana sendo um sinal profético do Reino de Deus na Igreja e na sociedade. E, tanto em Roma como em muitas de nossas paróquias e comunidades, católicos e católicas que se aferram a tradições do passado na pretensão de com elas abafar o frescor do sopro do Espírito que impele a Igreja a dialogar com os novos tempos e os emergentes anseios da humanidade.

No turbilhão destes novos tempos tão contraditórios e tão esperançadores, a Vida Religiosa Consagrada sente-se cada dia e de novo chamada a ser “sinal do Reino futuro” (LG 44). Para que esse sonho se torne realidade, cabe-nos, ao mesmo tempo não perder o horizonte que se alarga a nossa frente, ter os pés bem no chão para que nossos pequenos passos do dia sejam seguros e consequentes com o caminho que desejamos trilhar.

Com o objetivo de alinhar o cotidiano de nossas comunidades locais e congregacionais com os grandes sonhos que continuam a alimentar nossas esperanças, a CRB/RS, nos dias 15 e 16 de março de 2019, reuniu os/as coordenadores/as dos núcleos regionais e os coordenadores dos diversos grupos e serviços que animam a VRC no Rio Grande do Sul, para um momento de avaliação e reflexão. No segundo dia do encontro, com a colaboração de vários religiosos e religiosas, realizou-se um Seminário que abordou diversos temas que, se tradicionais na VRC, quando situados nos novos tempos e novos contextos, merecem ser revisitados e reelaborados para que tanto o vinho velho seja conservado e não perca o sabor como o vinho novo não se perca pela fragilidade de odres que não suportam o seu fervor.

As exposições e os diálogos resultantes do Seminário foram tão instigadores que a CRB/RS decidiu publicar neste formato eletrônico as contribuições generosamente elaboradas por nossos irmãos e irmãs. Com isso, mais religiosos, religiosas e suas comunidades poderão entrar na dança de receber, refletir e recriar não apenas os textos, mas os desejos de uma VRC que possa dar

respostas renovadas aos velhos e novos desafios que brotam dos novos contextos.

Agradecemos aos irmãos e irmãs pelo generoso e qualificado serviço de preparar o Seminário e elaborar os textos que aqui, com alegria, compartilhamos.

Que, na alegria do seguimento de Jesus Cristo a partir da inspiração de nossos fundadores e fundadoras, possamos seguir sempre o convite de Maria de “fazer tudo o que Ele nos mandar” (Jo 2,5).

Frei Vanildo Luiz Zugno, OFMCap

NOVAS FORMAS DE VIDA CONSAGRADA E NOVAS COMUNIDADES



Frei Nestor Schwerz, OFM

Uma metáfora, presente nos evangelhos sinóticos, é iluminadora para o tema da busca por novas formas de Vida Consagrada (VC) e a constatação do fenômeno marcante das novas comunidades de vida cristã e vida consagrada: “vinho novo em odres novos” (Mc 2,22; Mt 9,17; Lc 5,37-38). Esta metáfora é usada por Jesus no confronto com os escribas e fariseus que se sentem provocados pela liberdade de Jesus e seus discípulos em relação a certas práticas habituais dos judeus, inclusive dos discípulos de João Batista. “Para os três evangelistas sinóticos é importante sublinhar a novidade do estilo com que o Senhor Jesus, revelando ao mundo o rosto misericordioso do Pai, se coloca a uma distância crítica em relação à simples manutenção dos esquemas religiosos habituais.” (CIVCSVA, 2017, n.1) Jesus anuncia o Reino de Deus em base à lei da liberdade. Ao mesmo tempo, Jesus reconhece, segundo Lucas, que “ninguém, depois de ter bebido o velho, quer do novo, pois diz: ‘o velho é que é bom!’” (Lc 5, 39)

O termo “novo” é de uso frequente nas últimas décadas no interior da Igreja e da própria sociedade. Em certos contextos se tornou um termo contaminado, servindo para

discursos enganosos que encobrem velhas práticas manipuladoras. João XXIII, na abertura do Concílio Vaticano II, em 1963, fez um discurso que foi considerado “o manifesto dos tempos novos”. Defendeu a necessidade de “respostas novas a problemas novos”, de “recorrer a um novo modo de apresentar as coisas” e alcançar assim “um novo humanismo cristão”. (ORDEM DOS FRADES MENORES, 2017, p.19) A insistência sobre a busca pela renovação da Igreja, da Vida Religiosa Consagrada (VRC), da vida espiritual e comunitária, da missão e evangelização se tornou uma constante nos mais diferentes documentos e discursos, nas mais diferentes assembleias e opções. Em última análise, o NOVO faz parte do dinamismo da vida cristã. É resultado de uma contínua conversão que nos torna novos no coração e nas relações. O novo é fruto da confiança no Senhor que afirmou fazer “novas todas as coisas” (Ap 21,5), é ligado ao dinamismo esperançoso pela realidade do “novo céu e da nova terra”.

No âmbito da VRC percorremos um rico itinerário pós-conciliar na busca pela renovação. De fato, renovamos muitas coisas: as Constituições, nosso estilo de vida comunitária, muitas de nossas estruturas, nossos métodos de formação, nosso jeito de rezar, nossas vestes, além de outras. No entanto, em nossas Congregações há uma parcela de Irmãos e Irmãs que desejam e buscam algo mais radical, mais coerente com o carisma, mais respondente aos desafios da realidade histórica e à vocação profética da VC. Ao mesmo tempo constatamos a

multiplicação de novos grupos e novas comunidades, com “novos carismas” e reinvenção da vida cristã e VC.

Novas formas e novas comunidades na VRC tradicional

Além dos processos de renovação feitos em âmbito de Províncias e Congregações, desde os tempos do Concílio e o período posterior, há movimentos de busca e tentativas por novas formas, novas comunidades em novos espaços de presença e missão, com novas características nas estruturas e na vida comunitária.

Já nos anos 50 e após o Concílio Vaticano II, em especial na Europa, multiplicaram-se pequenas comunidades inseridas no mundo das pessoas comuns e dos trabalhadores. Religiosos se inseriram no mundo operário, tornando-se muitos deles também operários e trabalhadores. Enquanto pequenas comunidades, construíram relações mais familiares internamente, vida simples, contato mais direto com as pessoas, garantindo o seu sustento com o próprio trabalho, cultivando vida de oração mais conectada com a vida cotidiana. A evangelização era feita pelo testemunho, pela presença, pelo convívio e contato pessoal, participando das lutas e aspirações dos trabalhadores. Esse movimento teve a duração de certo período, embora haja alguma experiência que permaneceu.

Na efervescência da renovação pós-conciliar, acendeu num primeiro momento o encantamento pelo mundo moderno, pelo cultivo da subjetividade, da liberdade, das relações interpessoais em base à amizade e afetividade. Desabrochou

com esse espírito um movimento de criação de pequenas comunidades em casas e apartamentos para favorecer o clima de relações próximas, de exercício da autoridade em caráter “democrático”, de uma espiritualidade bastante intimista, de estilo de vida cômodo de classe média, dando sustento ao forte desejo de auto realização, de preparo e capacitação para vida profissional. Não raro os Irmãos e as Irmãs se escolhiam para garantir afinidade na personalidade, nos gostos, na visão “ideológica”, na compreensão da VR.

Sob o impulso das Conferências do CELAM, em especial de Medellín e Puebla, desabrochou o movimento de pequenas comunidades inseridas em meios populares, a opção pelos pobres, a releitura das fontes do carisma, a consciência de mudança de lugar social, o movimento missionário do centro para as periferias, a migração dos Conventos para casas semelhantes às dos pobres, com espiritualidade encarnada e libertadora, reflexão teológica inspirada na Teologia da Libertação. Além de presença e proximidade junto aos pobres, se buscava uma atuação de organização do povo em comunidades eclesiais de base (CEBs) e em movimentos sociais em vista da transformação da realidade, da superação das estruturas de injustiça, de opressão que produzem pobreza, marginalização e exclusão. Nutria-se a convicção de que a VRC se recria a partir da margem, da periferia, do deserto.

Ultimamente há a busca por novas formas e novas comunidades que agregam vários outros elementos: primado da experiência de Deus e do cuidado pela oração (leitura

orante, liturgias celebradas com beleza e esmero), cultivo atencioso das relações fraternas, acolhida da diversidade, reconhecimento dos dons pessoais, missão itinerante e em comunidade/fraternidade, estruturas leves, proximidade com o povo simples e pobre, exercício da partilha e solidariedade, empenho pelo próprio sustento, adoção de estilo de vida simples e em harmonia com o meio ambiente. Como tipologia, são comunidades com as mais diferentes identidades: comunidades inseridas em meios populares/pobres, em determinadas categorias culturais (ciganos, povos indígenas), comunidades contemplativas, Comunidades Monásticas Ecumênicas (Taizé) e/ou Mistas (Bose, Itália) com comunidade masculina e feminina no mesmo espaço territorial, porém não debaixo do mesmo teto, com muitas atividades conjuntas.

Novas comunidades, novos movimentos eclesiais e novas formas de vida cristã-evangélica

Não se sabe exatamente quantas são no Brasil as assim chamadas Novas Comunidades, mas o certo é que são um fenômeno que impressiona. Há quem fala em mais de 500 e outros dizem que chegam a mais de mil. Algumas já são bem conhecidas pelo nome: Canção Nova, Toca de Assis, Shalom, Obra de Maria, Nova Aliança, Irmãos Franciscanos na Divina Providência. Outras são menos conhecidas: Pantokrator, Remidos no Senhor, Arca da Aliança, Oásis, Dominus Salus (Javé Salva), Betel, Face de Cristo, Santos Anjos, Comunidade Esperança. Há criatividade também nos nomes.

Em outros ambientes, como na Europa ou no México, algumas dessas Novas Comunidades ou alguns desses Movimentos Eclesiais tem presença relevante há mais tempo: Comunidade Santo Egídio, Comunhão e Libertação, Neocatecumenato, Legionários de Cristo, Irmãozinhos e Irmãzinhas do Cordeiro. Novas Comunidades mais consolidadas que se tornaram referência e atraem multidões de frequentadores são, por exemplo, a Comunidade Monástica de Taizé, na França, e a de Bose, na Itália.

Quanto à terminologia, se discute qual é a linguagem mais exata. Rejane Maria Bins afirma que se pode, também a partir de documentos oficiais, considerar sinônimos as várias expressões: Novas Comunidades, Novos Movimentos Eclesiais e Novas Formas de Vida Evangélica. (BINS, 2016)

Qual é o contexto de origem das Novas Comunidades?

No caso das Comunidades ou Movimentos Eclesiais nascidas na Europa o contexto é um tanto diferente daquele das nossas. A Comunidade de Santo Egídio nasceu em Roma em 1968, logo após o Concílio Vaticano II, e no clima do famoso movimento estudantil de 1968, quando um grupo de jovens, inspirado pelo Evangelho e pelo desejo de um mundo melhor e mais justo, começou a visitar todos os dias as crianças marginalizadas da cidade de Roma para ensiná-las a ler e escrever. Um desses jovens estudantes era Andrea Riccardi, que respirava os ares de mudanças e estava comprometido com movimentos sociais de inspiração socialista. Experimentou certa desilusão e passou a alimentar o

sonho de ouvir o Evangelho e colocá-lo em prática. A partir daí, a Comunidade cresceu no ambiente estudantil por meio de ações concretas junto aos pobres e marginalizados. Foi ampliando sua missão que se estende às mais diferentes categorias de pobres e marginalizados, ao compromisso com a paz, com o diálogo ecumênico e inter-religioso, alimentando-se da oração diária vespertina, da palavra de Deus e da inspiração em São Francisco de Assis. Foi elevada à condição de "Associação Internacional de Fiéis de direito pontifício". Calcula-se que uns 60 mil membros façam parte da Comunidade que está espalhada por vários países. O fundador, Andrea Riccardi, vive ainda.

As Novas Comunidades do Brasil têm como contexto sociocultural a crise da modernidade e o novo caldo cultural da pós-modernidade, com acento na subjetividade, na emotividade, na imagem, numa religiosidade mais estética, menos racional. E do ponto de vista religioso-teológico, todas elas têm uma origem pentecostal, com raiz na Renovação Carismática Cristã. Esse movimento nasceu nos Estados Unidos, por meados de 1960, e em pouco tempo se expandiu pela América Latina e Brasil. Originalmente, jovens universitários eram os principais protagonistas. Segundo Edênio Valle, “na primeira metade do século XX, o pentecostalismo havia se destacado como sendo o mais eficiente instrumento de revitalização da fé no protestantismo norte-americano. Os primeiros grupos de católicos carismáticos talvez tenham experimentado o mesmo que os

crentes pentecostais com quem conviviam nos aglomerados urbanos de classe média e puderam, assim, perceber que o “batismo do Espírito” não só reanimava a fé individual, mas liberava energias para uma poderosa ação evangelizadora. Não sem grande habilidade, os pioneiros do catolicismo revivalista souberam se diferenciar dos protestantes, não obstante a vizinhança antropológica entre eles e os protestantes. E o fizeram através do que alguém denominou “as três brancuras”: Nossa Senhora, a Eucaristia e o Papa.” Esse movimento carismático católico se expandiu amplamente no Brasil. Segundo Valle, o Brasil se tornou o país mais pentecostal carismático. (VALLE, 2004)

Brenda Carranza descreve bem alguns desses elementos comportamentais típicos dos carismáticos e detectáveis ao primeiro olhar: rezar de braços elevados para o alto; a emotividade, a afetividade e a espontaneidade atuando como meios de comunicação; a referência constante de sensações como indicativas de experiências místicas e a certeza da presença de Deus; a necessidade de milagres como prova da existência divina e, finalmente, o batismo no Espírito Santo, manifestação que confere especificidade ao Movimento dentro da Igreja Católica. Isso não quer dizer que as diferentes Novas Comunidades queiram ser uma expressão, uma imitação ou uma cópia da RCC. Todas elas, de certa forma, irrompem desse pentecostalismo católico, sem propriamente manter vínculos orgânicos. Diz Carranza: “ao fazer do avivamento espiritual – que inclui glossolalia, repouso no

espírito, performance corporal carismática, centralidade dos dons do Espírito Santo na pessoa e comunidade – a mística de seu carisma, as novas comunidades contribuíram par a consolidação da pentecostalização católico-brasileira”. (CARRANZA, 2015)

Algumas Características dessas Novas Comunidades:

- práticas espirituais-litúrgicas de tipo pentecostal carismático; profunda confiança na Providência divina; longos períodos diários de adoração do Santíssimo;

- a Comunidade Dominus Salus é integrada na totalidade por jovens advindos da RCC;

- os fundadores e fundadoras são pessoas leigas, muitas vezes bastante jovens; a maioria vive ainda e tem presença forte na comunidade, junto aos candidatos, com dedicação integral; a maioria das Novas Comunidades já reconhecidas e aprovadas pelo Conselho Pontifício de Leigos é classificada como Associação ou Organização de Leigos ou de Fieis.

- o processo conduz a uma alternativa de opção no interior da Comunidade: comunidade de vida, integrando-se inteiramente na vida comunitária, sob o mesmo teto, dedicando-se exclusivamente ao trabalho religioso, e comunidade aliança em que se permanece no meio familiar, mas buscando recursos econômicos junto a doadores e benfeitores para o sustento; em ambos os casos se faz a consagração mediante os três votos;

- há um cuidado e investimento para tecer relações comunitárias que ajudem a restaurar as pessoas feridas e

machucadas em sua experiência familiar e social e ao mesmo tempo focadas na assimilação do carisma e da missão; a convivência acontece entre homens e mulheres na vida comunitária e na missão; há jovens que testemunham: “nunca tive um lugar onde experimentei tanto ambiente de família como aqui” (CARRANZA, 2015, p.63). Diante da pergunta “o que faria se ficasse apaixonada”, a jovem responde que não se vê como namorando, mas se acontecesse, falaria com o fundador ou a formadora.

Conclui Carranza: “atrações à parte, essa convivência traz em germe as condições de refazer as relações institucionais de gênero no catolicismo, uma vez que inova as relações pastorais, quer na divisão do trabalho, quer na divisão do poder.” O fundador da Dominus Salus constata: “entre conflitos comunitários decorrentes de problemas afetivo-sexuais e de relações de gênero e resistências à obediência, essa última é a mais difícil de contornar e a mais importante”. (2015, p.64)

O ideal das Novas Comunidades na questão comunitária é uma retomada dos ideais das primeiras comunidades cristãs, passando por uma reinvenção feita pelos jovens. Ao mesmo tempo, há uma rígida disciplinarização do tempo entre lazer, trabalhos, cuidados pessoais, oração e silêncio, formação, evangelização. O lazer não inclui passeios aos shoppings ou ida ao cinema. O filme é assistido em casa. A comunidade se torna também um refúgio de estabilidade,

proteção, equilíbrio diante de um mundo plural, inseguro, relativista.

Respira-se no interior dessas Comunidades uma energia fundante, uma espiritualidade carismática, com o fundador ou a fundadora interagindo o tempo todo, conectando com a inspiração divina na origem do carisma. Conclui Brenda Carranza: “a liderança assume caráter de mentor. Sua presença exerce no discípulo inspiração para suas escolhas, traduzidas logo em energia vital a serviço das utopias propostas no carisma e na missão da comunidade. Em outras palavras, lideranças e mentores convictos independentemente do conteúdo de suas crenças, constituem-se em motores propulsores, contagiando a quem se aproxima deles, consequentemente, arrolando mais seguidores. Arrisca-se a suspeita sobre a escassez de mentores ser uma das explicações possíveis para a ausência de prosélitos nas comunidades tradicionais.” (p. 69)

Promove-se um reencantamento ritual com uso de diversos símbolos ligados ao carisma, à espiritualidade da Comunidade. Não poucas Comunidades têm vários patronos, o que mostra que seu carisma é pensado a partir de vários carismas. Por exemplo, Toca de Assis se inspira em S. Francisco de Assis, em S. Pio Pietralcina, Santa Catarina de Sena, Beata Alesandrina de Balasar (leiga católica portuguesa).

Finalmente nessas comunidades se cultiva um intenso ardor missionário, com sentido de se expandir pelo mundo

afora, em nível individual e comunitário.

Posicionamento da Igreja frente a essas novas comunidades

João Paulo II manifestou apreço e apoio a esse movimento. Bento XVI, na Carta para a proclamação de um ano sacerdotal por ocasião do 150º aniversário de nascimento do Santo Cura d'Ars, assim se manifestou: “No contexto da espiritualidade alimentada pela prática dos conselhos evangélicos, aproveito para dirigir aos sacerdotes, neste Ano a eles dedicado, um convite particular para saberem acolher a nova primavera que, em nossos dias, o Espírito está a suscitar na Igreja, através nomeadamente dos Movimentos Eclesiais e das novas Comunidades. “O Espírito é multiforme nos seus dons. (...) Ele sopra onde quer. E fá-lo de maneira inesperada, em lugares imprevisos e segundo formas precedentemente inimagináveis (...); mas demonstra-nos também que Ele age em vista do único Corpo e na unidade do único Corpo”. (BENTO XVI, 2009)

Papa Francisco acolhe e se mostra atento à evolução de tais novas comunidades. Através da Congregação para a Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, a Igreja oferece critérios para o devido discernimento, por parte dos bispos e outras instâncias, dessas novas comunidades desde seu nascimento.

Aprender e dialogar com as novas comunidade

A primeira atitude é de não condenar ou julgar, mas perceber os sinais de presença e ação do Espírito. Na medida em que reconhecemos a ação do Espírito nesse fenômeno, só

podemos acolher, apoiar, nos alegrar com a novidade. O nosso carisma poderá se revitalizar na interação com essas novas comunidades, seja para confirmar com mais clareza nossa identidade, seja para descobrir novos aspectos que deixamos na sombra. A tentação de não poucos membros de nossas Famílias religiosas mais tradicionais é de se entusiasmar com as novas comunidades ou com o movimento carismático, participar de suas atividades e renunciar pouco a pouco à espiritualidade, à identidade, à comunidade do carisma de sua pertença. Neste caso, cultiva uma dupla pertença ou se identifica mais e mais com a nova espiritualidade e seus membros, distanciando-se ou até abandonando sua comunidade e seu carisma de origem. O mais desejável é que cultivemos em nós uma constante disposição para acolher e deixar acontecer em nós, pessoalmente e como comunidade provincial ou congregacional, a novidade do Espírito de Deus e com Ele recriar, renovar, reinventar nossa Vida Religiosa Consagrada, em atenção aos sinais dos tempos, aos apelos da realidade e em comunhão com a Igreja.

PARA DIALOGAR:

1. Após o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín, o que aconteceu de novidade em sua comunidade e em sua congregação?
2. Qual é a postura sua, de sua comunidade e congregação sobre as novas comunidades de vida cristã e de vida consagrada? Que tipo de relação se vive com essas novas comunidades?
3. Que opções, fatores e meios podem suscitar o novo na vida religiosa consagrada em nosso tempo?

REFERÊNCIAS

CARRANZA, Brenda. Primavera em questão: novas comunidades. In: SUSIN, L. C. (Org.). **Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 59.

BENTO XVI. **Carta para a Proclamação de um Ano Sacerdotal por Ocasão do 150º Aniversário do Dies Natalis do Santo Cura D'Ars**. Roma, 2009. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2009/documents/hf_ben-xvi_let_20090616_anno-sacerdotale.html

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **Para vinho novo, odres novos**. S Paulo: Paulinas, 2017, n. 1.

Gaudet Mater Ecclesia, citado em: OFM. **Documento Ite, nuntiate**. Diretrizes sobre as novas formas de vida e missão. Roma: 2017, p.19

BINS, Rejane Maria. **Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II**. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/106_cadernosteologia_publica Acesso em 18 abril 2019.

VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica. Algumas observações. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, 18(52), 2004, p. 97-107. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a08v1852.pdf> Acesso em: 15/03/2019.



A URGÊNCIA DA ATENÇÃO ÀS NECESSIDADES DOS RELIGIOSOS ADULTOS

Pe. Itacir Brassiani, msf

No horizonte que inspira a caminhada da CRB (2016-2019) diz-se que “cremos que Deus está fazendo coisas novas” e que “sentimo-nos convocados/as a viver em saída e a tecer relações de misericórdia, com palavras, gestos e atitudes humanizadoras, priorizando os empobrecidos e vulneráveis, as juventudes e a ecologia integral”. Percebe-se aqui a postura e a voz dos consagrados e consagrados em pleno vigor, da faixa etária que “carrega o piano” das instituições e está mergulhada na formação e nas fronteiras da missão. A impressão é que este grupo de pessoas consagradas não aparece como foco ou destinatário de atenção, mas como o protagonista e o sujeito oculto encarregado da execução do quadro programático da CRB

Não é fora de propósito perguntar se não estaríamos impondo a esta geração fardos pesados demais, supondo energias ilimitadas que não existem e desconhecendo necessidades próprias desta faixa de idade. Está a VRC do Brasil suficientemente atenta às necessidades e desafios específicos da geração de pessoas consagradas que está na faixa dos 35 aos 65 anos de idade? Estamos suficientemente atentos para evitar que o granito que os consagrados e consagradas devem se tornar para sustentar as

grandes responsabilidades impeça o desabrochar da transparência, qualidade essencial de uma vida consagrada propecta?

É verdade que o *Plano Trienal* da CRB Nacional não ignora totalmente esta faixa da vida consagrada, especialmente as demandas de qualificação técnica e humana. Embora atinjam um reduzido número de pessoas consagradas, o público-alvo do CERNE e do PROFOLIDER parece ser esta faixa específica da vida consagrada. O Plano Trienal tem inclusive a proposta de um Seminário voltado à “segunda idade”. Mas a atenção da CRB Nacional e, por consequência, das Regionais, parece focada quase que exclusivamente na missão, na gestão e na animação das obras, na formação e na realidade juvenil.

Ora, os desafios essenciais da fase adulta da vida das pessoas em geral e das consagradas em particular não se resumem à produtividade e à gestão eficiente das obras, por mais meritórias que possam ser (como efetivamente o são a missão e a formação). Com Erik Erikson, identificamos três desafios que toda pessoa adulta precisa enfrentar para não comprometer sua maturidade psíquica e espiritual: a vivência da intimidade, que significa superar a tendência ao isolamento; a experiência da geratividade, que significa superar o risco da estagnação; a conquista da integridade, que significa superar a ameaça do desespero. Como estes desafios aparecem na vida das consagradas e consagrados adultos?

A vivência da necessária *intimidade* se realiza no estabelecimento de relações personalizadas e personalizadoras com pessoas de todas as condições e faixas etárias, nas relações de

parceria e amizade igualitária, leais e profundas e no desenvolvimento de um agudo senso de responsabilidade pela instituição, pela Igreja e pela sociedade. É assim que a pessoa consagrada vence a tentação do isolamento e das relações frias e funcionais, inclusive aquelas, às vezes exigidas pelas necessidades da missão e da produtividade. A CRB e as Congregações estão suficientemente atentas a essa necessidade e vem oferecendo oportunidades para que os religiosos e religiosas adultos amadureçam nesse dinamismo? Que cuidados e iniciativas poderíamos ter em nossa Regional para ajudar as pessoas consagradas a desenvolver fazendo esta experiência e ultrapassar este limiar?

A vivência da *geratividade*, que evita a estagnação e a esterilidade espiritual e apostólica, se expressa na superação da autorreferencialidade ou identificação consigo mesma e o desenvolvimento de uma identificação crítica e generosa com o Instituto e com a Igreja, na aquisição de uma maturidade que permita à pessoa ser apresentada e vista como modelo pelas novas gerações, na atitude de desapego ou prontidão para passar adiante o bastão da missão, da formação e da administração e da liderança. Se a pessoa consagrada não alcança este limiar ou não faz esta experiência, sua capacidade produtiva pode ser sinal de estagnação e incapacidade de passar o carisma para a geração, pode descambar numa identidade rígida e meritocrática e levar à submissão a ideologias impenetráveis e imutáveis, inclusive em nome do Evangelho. Quais tem sido as oportunidades e estratégias que a VRC do RS tem oferecido aos consagrados e consagradas para

superar o risco de estagnação e estimular a geratividade? Que cuidados e iniciativas poderíamos ter em nossa Regional para ajudar as pessoas consagradas a desenvolver fazer esta experiência e ultrapassar este limiar?

A colheita do fruto maduro da *integridade* supõe o reconhecimento do curso da vida como algo pessoal e único, a acolhida e articulação da história passada com as circunstâncias presentes, a celebração do sentido da vida e a percepção serena da inevitabilidade da morte, tanto pessoal como institucional. Se não fizer essa experiência, a pessoa consagrada pode deslizar perigosamente para o desespero ou para uma vida que se contenta com o cumprimento, às vezes heroico e sofrido, de tarefas e responsabilidades institucionais. E, como dizia Bernanos, a vida de um religioso medíocre é uma tragédia, pior que um assassino, pois o assassino pode se converter, mas a mediocridade impede pela raiz toda e qualquer mudança.

PARA DIALOGAR

- 1) Que espaços e oportunidades as pessoas consagradas dessa faixa da vida tem recebido para alcançar essa integridade e exorcizar o desespero de uma vida apegada ao passado, aterrorizada diante da morte que se avizinha, e vazia de significado e transcendência?
- 2) Que cuidados e iniciativas poderíamos ter em nossa Regional para ajudar as pessoas consagradas a desenvolver fazer esta experiência e ultrapassar este limiar?



INTERCULTURALIDADE E VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Luis Paúl Muñoz Célleri, OSFS

Desde uma perspectiva intercultural repensar a realidade latino-americana da Vida Religiosa Consagrada é buscar o reencontro com sua diversidade e pluralidade, encontrar suas memórias vivas e colocar-se à escuta.

Parece que esta questão nos abre para a reflexão de uma ferida que não está resolvida e, que com especial carinho deve ser encarada ao interior do nosso ofício como “mediadores” no processo de formação, na animação da vida comunitária e temos dificuldade ou ao menos apresentamos fraquezas quando questionados pelo elemento cultural que está aí.

Dividimos esta breve reflexão em três momentos. O primeiro aponta para uma realidade da qual não podemos fugir e, acredito eu, ser o problema de fundo na hora de tratar o tema da interculturalidade, o poder e as relações implicadas. O segundo nos situa em algumas escolhas conceituais que são fundamentais para darmos passos na busca de um caminho e de paradigmas orientadores diante dos desafios. Finalmente apontamos algumas luzes e atitudes.

A colonialidade do ser

Refletir sobre este assunto supõe de nossa parte algumas atitudes sinodais: escuta, diálogo, **encontro**. Esta tarefa de repensar a realidade da VRC desde o reencontro com sua diversidade viva começa por um ato de autocrítica. Nesse sentido, a interculturalidade significa negociar a questão do centro referencial, o fio condutor, da matriz cultural de fundo. Mas, a questão de fundo é esta: como podemos assumir teologicamente/nos nossos planos de formação/na vida fraterna/em tudo o que somos como VRC a pluralidade?

Vemos que este assunto é um tema de fronteira, missioneiro e precisamos pedir licença para poder criticar o que aprendemos até chegarmos à formação da nossa própria consciência cultural. A sabedoria da teóloga andina, Sofia Chipana Quispe, nos ensina que uma das dimensões que vai nos ajudar a aterrissar nesta relação que estamos propondo é a colonialidade do ser, porque tem a ver com a subjetividade e corpos alienados que seguem funcionando sob os mandatos do poder e do saber colonial.

Aqui a interculturalidade lembra à VRC que deve existir coerência com seus princípios de justiça, paz e integridade da criação e também a interpela para repensar a mentalidade colonial que pode estar sustentando práticas éticas e religiosas. (TOMICHA, 2016, p. 13).

Aprofundando esta questão, em nome da relevância objetiva da razão, por muito tempo e ainda hoje, a subjetividade tem sido vista de maneira pejorativa por estar vinculada ao âmbito

dos sentidos, dos afetos, dos imaginários, dos símbolos, do corpo, da sexualidade.

Desde a descolonização do ser,

y sobre todo el ámbito subjetivo es preciso reconstruir relaciones no sólo con las otras y los otros, sino también con una/o misma/o que supera el individualismo que cuida solo de su bienestar y sus derechos, sino se trata de Buen Vivir que se extiende en el proceso comunitario de relaciones interhumanas entre hombres y mujeres, con las otras y otros seres, con la naturaleza, con el cosmos, con Dios. (CHIPANA, 2012, p. 247).

Hoje desde a libertação das subjetividades silenciadas, podemos resgatar muitas sabedorias que se conservaram como água fresca em vasilhas de barro, para enfrentar o sistema conquistador e depredador que continua a dominar as subjetividades. Daí é que nascem paradigmas orientadores, como o bem viver, que pode nos orientar em dois sentidos.

Por um lado, a transformar as estruturas que seguem colonizando: religião, mercado, política, economia extrativista, etc. O processo de descolonização implica em reorientação de prioridades que promovam uma vida sadia e em comunidade. São opções que requerem renúncia, restrições ou reinvenção de uso de tudo o que o contexto atual, globalizado e pós-moderno, nos apresenta enquanto mantemos a liberdade para decidir como e quando podemos usar o que está a nossa disposição. (PERRIER apud LÓPEZ et al, 2016, p. 77).

Por outro, é um convite a transitar na vida cotidiana onde se tecem as relações mais significativas. (CHIPANA, 2012, p. 248). Usando esta linguagem simbólica, do tecido, enriquecemos nossa postura epistemológica. A imagem do tecido nos lembra da

unidade de diversas linhas, que é muito mais do que a soma de tantas:

en este tejido convergen utopías; memorias colectivas; identidades enraizadas en tradiciones particulares, distintas culturas y una tradición común. Todas las partes se armonizan y, a la vez, son parte integral del todo; ningún miembro domina o excluye al resto, mientras cada uno mantiene su autenticidad y unicidad. (PERRIER apud LÓPEZ et al, 2016, p. 54).

Assumindo alguns termos

Optamos por alguns conceitos com o intuito de enriquecer a reflexão. Alguns termos precisam ser colocados na pauta. O primeiro deles e fundamental é o que mesmo significa cultura?

Rapidamente, no sentido positivo, propomos uma definição que pode ser encontrada à luz do contato com a experiência das culturas ancestrais, ou seja, cultura desde esta visão tem a ver com a riqueza imaterial comum a todos os povos originários e que expressa a maneira particular de um povo viver. Esta definição não exclui e nem desconhece tantas outras, mas está um pouco distante de uma rápida identificação superficial da cultura com os elementos folclóricos que podem representá-la. Penso que muitas vezes nosso erro está em identificar e apenas permanecer nesse nível, de reconhecer uma cultura por seus elementos pitorescos, que são belíssimos e ricos na sua expressão tão variada, mas esta apreciação pode permanecer num estágio bastante superficial, podendo instrumentalizar a cultura ao próprio gosto e trair a sua cosmovidência particular.

Outro termo importante é o de inculturação. Com este se resume todo um programa de renovação teológica, pastoral, litúrgica, catequética, etc. que busca reorientar a presença do

cristianismo no mundo e dá sentido à missão ao exigir um diálogo com diversidade cultural da humanidade. O reconhecimento deste fato significa que o pluralismo das culturas e das religiões, que marcam fortemente nossa época, nos impelem para ir mais longe em nossa reflexão.

Assim, propomos o passo da inculturação à interculturalidade porque aparece como um imperativo de nosso tempo que o cristianismo e a VRC devem assumir, se quiserem estar à altura das exigências dos contextos universais que planteiam a convivência humana com a pluralidade das culturas e das religiões. E isto para

superar un paradigma que todavía lo ata de pretensiones, actitudes y hábitos, teóricos y prácticos, propios de la configuración occidental dominantes que históricamente se ha apoderado de sus posibilidades de realización. Para una fe cristiana vivida en diálogo y convivencia con los otros, no basta un cristianismo inculturado. Pues, a pesar de todos los avances que se han logrado con la inculturación, esta, me parece, tanto por el ambivalente concepto de tradición cristiana con que trabaja como por su programa de interferir en el orden religioso y cultural del otro, se presenta tributaria de la tradicional ‘misión’ y de la consiguiente ‘colonización’ del otro. (FORNET-BETANCOURT, 2007, p. 45).

A filosofia intercultural crítica poderia ajudar a discernir conceitos e cenários. Estermann (2015, p. 24) propõe três aspectos importantes. Primeiro, que a descolonização e a interculturalidade não são entidades estáticas que acontecem em certas sociedades e momentos da história. Pelo contrário, são processos abertos e inconclusos que requerem do esforço histórico e paciente, assim como do resgate uma força utópica.

Em segundo lugar, que a descolonização e a interculturalidade encontram seu teste de fogo no campo político, econômico e social. Reforçamos que o diálogo pessoal e com as pessoas de outras procedências étnicas e culturalmente distintas é importante.

Por último, o discurso da inclusão e do diálogo podem tornar invisíveis estruturas assimétricas e hegemônicas que são as características de sociedades coloniais e não de povos que buscam a liberdade e autodeterminação.

Sintetizando, interculturalidade é a coragem da alteridade. Possui uma alta dimensão de relação e elementos éticos intrínsecos. É uma ferramenta crítica, seu caminho é a interculturalização. Aqui nos deparamos com o impasse de mudar nossos paradigmas e encontrar alguns que sejam orientadores para o processo de interculturalização, sendo eles chaves de leitura para a compreensão do irmão, da irmã que está conosco compartilhando um mesmo carisma e buscando Viver Jesus. A teologia andina, para dar um exemplo, aponta para a descolonização da própria reflexão teológica de ocidente e propõe categorias novas, como a do bem viver.

Apontando caminhos

A rápida passagem por uma fundamentação teórica nos leva agora a encontrar alguns caminhos de reais convivências e não de meros ajustamentos na VRC. Trata-se agora de confessar que na relação com o outro construímos pontes de diálogos e lugares de mediação para garantir a materialidade de nossas práticas, assim

como salvaguardar a riqueza espiritual e religiosa que possuímos. A seguir algumas considerações.

Entrar na cultura do outro, em alguns casos, supõe alguma atitude no mínimo de diálogo e abertura. Pode soar raro, mas é verdadeiro, se quisermos compreender-nos culturalmente o caminho não deixa de ser ecumênico. Pois a questão da pluralidade nos leva a um diálogo sem limites e no trânsito de realidades que nos conduzem cada dia a desaprender as coisas que sempre consideramos como natural desde o nosso ponto de vista cultural. E se tratando de cultura parece que entramos num terreno bem sensível. O diálogo provoca discussão e às vezes manifestações de violência que revelam nosso escudo protetor e a carga violenta, que é periférica e não central, de nossa forma de reagir. Isto merece muita atenção, pois não é possível admitir atitudes entre irmãos e irmãs que buscam Viver Jesus. Então, podemos resgatar a dinâmica dialogal do ser humano não como atitude, mas como parte intrínseca do ser.

Quem se encontra com o desafio de acompanhar processos interculturais, especialmente na formação inicial e permanente da VRC, procura fazer um esforço por compreender o elemento cultural vivo. Desde o caminho do seguimento de Cristo algumas atitudes são básicas: entender, respeitar, acolher e promover. Além destas virtudes, da parte do acompanhado no processo, deve haver intenções claras de com sua cultura querer abraçar os valores evangélicos. O papel do formador, da formadora é de encontrar reais motivações. Assim, o formador é um irmão ou uma irmã experiente que faz o papel de mediador, uma categoria tipicamente

andina, e não pretende se apoderar e muito menos largar de mão o processo.

Outro aspecto é que na reflexão sobre interculturalidade há implicações éticas que são imperativos da própria realidade. Em nosso contexto latino-americano o pobre nos interpela e o compromisso evangélico que nasce deste encontro deve sensibilizar-nos para uma vida profética e sem medo de nos acidentarmos, porque em último dos caso, interculturalidade é a coragem de apostar no outro.

Precisamos concordar que sem uma descolonização, no sentido de despojamento e ruptura com as matrizes do ser, do poder e do conhecer do pensamento hegemônico ocidental não haverá possibilidades de valorizar um pensamento emergente e enriquecedor, especialmente ao interior de nossas fraternidades. Para tal, temos de recuperar a sensibilidade, o lugar desde onde o ser humano tece a vida que, seria no pensamento de Patricio Guerrero (2010, p. 80), a capacidade de *Corazonar*, uma teologia dos sentidos que retoma o caminho da arte, da cultura e da beleza como expressão existencial própria vida. (MENDONÇA, 2016, p. 39).

Para concluir

O processo de interculturalidade não apenas deve ser planteado como método. Pelo contrário é uma práxis cotidiana do povo de Deus e de sua espiritualidade libertadora. Cada grupo e povo, incluindo a VRC, transitam rumo à plenitude humana e espiritual, tais itinerários estimulam a atenção dos nossos fundamentos.

Daí surge a necessidade de por atenção principalmente aos mistérios da Encarnação, da Páscoa e Pentecostes como orientadores da tarefa inculturada. Encarnação como condição, Páscoa como cenário do processo interculturador, e Pentecostes como o protagonismo. (IRARRÁZABAL, 2000, p. 64). E este processo acontece onde as instituições cristãs estão presentes ou mesmo onde esta presença seja escassa ou inexistente. Em outras palavras, as fontes estão abertas a todos os povos e em cada itinerário reconhecemos a presença do Salvador. Ao mesmo tempo, os fundamentos da inculturação, nos permitem encontrar, em cada itinerário da humanidade, os elementos que ajudam a humanizar e aqueles que não o fazem.

Para dialogar:

- a) A interculturalidade é uma aposta para voltar às nossas raízes culturais e vivê-las com honestidade. Como está esta discussão ao interior de sua congregação? Encontramos espaço para viver esta autenticidade?
- b) Diante do fenômeno migratório cada vez mais acentuado, de que forma estes diálogos interculturais podem contribuir para a ação pastoral?

Referências

CHIPANA, Sofia. Teología y Buen Vivir. In: Congreso Continental de Teología, 2012, São Leopoldo. *La teología de la liberación en prospectiva: Anales*. Uruguay: Fundación Amerindia, 2012, v.1, p. 231-262.

ESTERMANN, Josef. *Más allá de occidente: apuntes filosóficos sobre interculturalidad, descolonización y el Vivir Bien andino*. Quito: Abya-Yala, 2015.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Interculturalidad y religión*. Para una lectura intercultural de la crisis actual del cristianismo. Quito: Abya-Yala, 2007.

GUERRERO, Patricio. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentido otros de la existencia. *Calle 14: revista de investigación en el campo de el arte*, v. 4, n. 5, p. 80-94, Bogotá, jul-dez, 2010.

Disponível em:

<http://www.redalyc.org/pdf/2790/279021514007.pdf>. Acesso em 08 jun. 2018.

IRARRAZÁBAL, Diego. *Inculturación: Amanecer eclesial en América Latina*. Quito: Abya Yala, 2000.

LÓPEZ, Eleazar; PERRIER, Lisa; ARNOLD, Pedro. *Caminos de herradura: 25 años de Teología Andina*. Cochabamba: Verbo Divino, 2016.

MENDONÇA, José Tolentino. Para uma teologia dos sentidos. In: *A mística do instante: o tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 39-158.

TOMICHA CHARUPÁ, Roberto. *El buen vivir*. Inspiraciones para un cristianismo simbólico co-convivial. *Spiritus*. n. 223, p. 9-26, jun. 2016.



RELAÇÃO DE AJUDA NO ACOMPANHAMENTO FORMATIVO

Frei João Carlos Karling, OFM

A Vida Consagrada, a exemplo de Jesus de Nazaré, é peregrina e forasteira, aberta ao Caminho: “Eu sou o Caminho... quem me segue não andarás nas trevas”. E, como tal, é marcada por encontros, os mais variados e alguns especialmente significativos. No dizer de Imoda,

cada ser humano pode tornar-se verdadeiramente humano somente por meio do encontro com o outro. Somente um ‘sujeito’ pode constituir para outro ‘sujeito’ um rosto e um objeto adequado e, ao mesmo tempo, uma fonte suficientemente profunda (2003, p. 196).

Neste processo, “tornar-se si mesmo como pessoa” nada mais é do que tornar-se indivíduos, únicos e irrepetíveis, capazes de ao mesmo tempo inserir-se progressivamente num mundo das relações e de partilhar da vida e do mundo dos outros. Neste caminho, a tarefa de desenvolver-se como pessoa consagrada é uma tarefa diária de “individuação e de relação” (IMODA, 2003, p. 196).

Hoje percorremos este caminho num mundo marcado pela autoreferencialidade, como em diferentes e variadas ocasiões temos alertado o Papa Francisco. Falando aos novos Bispos, ele afirma:

vivemos num tempo marcado pela autoreferencialidade, onde o papel dos mestres parece terminado quando paradoxalmente, na solidão, o homem concreto continua a gritar a necessidade de ser ajudado a enfrentar questões dramáticas que o afligem (14/09/2017).

Uma das questões dramáticas que nos afligem, como Vida Consagrada, é sempre o discernimento nas opções diárias e, especialmente, nas passagens de uma etapa formativa para outra. Na minha experiência, como alguém que acompanha pessoas neste processo, este ‘drama’ tem-se acentuado em todas as etapas. Creio, pois, que é sempre fundamental um autêntico discernimento e acompanhamento para responder a esta necessidade humana. De quem acompanha requer-se que se deixe guiar por Deus, na abertura ao Espírito Santo, que como “uma bússola, dá os critérios para distinguir, para si e para os outros, os tempos de Deus e da sua graça” (Papa Francisco, acima referido). O formador/a ou acompanhante necessita, constantemente implorar o Espírito Santo, doador do discernimento,

como condição primária para iluminar toda a sabedoria humana, existencial, psicológica, sociológica, moral de que nos podemos servir na tarefa de discernir as vias de Deus para a salvação daqueles que nos são confiados (14/09/2017).

O discernimento nasce e se aprofunda por meio da oração, no contato constante com a Palavra de Deus, pronunciada pelo Espírito. Somente um formador/a que se deixa conduzir para a intimidade com o Senhor cresce na liberdade interior, que o capacita para a firmeza nas escolhas e comportamentos, quer sejam pessoais ou comunitários. Requer-se, pois um esforço para crescer no “discernimento encarnado e inclusivo”, que dialoga com a

consciência das pessoas; onde a consciência deve ser formada e não substituída. Sempre num processo de acompanhamento paciente e corajoso para que todos possam progredir na liberdade de escolher e realizar o bem desejado por Deus (Papa Francisco, 14/09/2017).

As condições essenciais para se progredir no discernimento e acompanhamento de pessoas, mormente na Vida Religiosa Consagrada, nos tempos atuais, poderiam ser sintetizadas, como sendo: educar na paciência de Deus e nos seus tempos, que não são nunca os nossos; ter escrupulosamente perante os olhos Jesus e a sua missão, que não era sua, mas do Pai; dar aos formandos a possibilidade de encontrar pessoalmente a Deus e de escolher a sua Via e de progredir no seu amor.

Na progressão desta via, como exortava Papa Francisco aos Jesuítas falando da formação dos seminaristas, em Cracóvia, “especialmente dêem-lhes a sabedoria do discernimento” (30/07/2017). No mesmo encontro também exortava os formadores de que “alguns planos de formação sacerdotal correm o perigo de educar à luz de ideias muito claras e distintas”, o que leva a “agir com limites e critérios definidos rigidamente a priori”, prescindindo das situações concretas: ‘Deve-se fazer isto, não se deve fazer aquilo...’. As conseqüências são desoladoras:

depois, os seminaristas, quando se tornam sacerdotes, encontram-se em dificuldade para acompanhar a vida de tantos jovens e adultos. Porque muitos perguntam: ‘Isto se pode ou não se pode?’. Tudo aí. E muita gente sai do confessionário decepcionada. Não porque o sacerdote é mau, mas porque o sacerdote não tem a capacidade de discernir as situações, de acompanhar no discernimento

autêntico. Não teve a formação necessária. (Papa Francisco, 30/07/2017)

Neste caminho da formação, ainda exortava papa Francisco é necessário formar “na dinâmica do discernimento pastoral, que respeita o direito, mas sabe ir além...”. E continua: “...é justamente isso o discernimento! É preciso formar os futuros sacerdotes não a ideias gerais e abstratas, que são claras e distintas, mas a esse fino discernimento dos espíritos, para que possam realmente ajudar as pessoas na sua vida concreta. É preciso realmente entender isto: na vida, não é tudo preto no branco ou branco no preto. Não! Na vida, prevalecem os tons de cinza. Então, é preciso ensinar a discernir nesse cinza”.

No encontro com os Jesuítas, em Myanmar, Papa Francisco continua insistindo sobre a necessidade do discernimento. Aponta como critério fundamental de aptidão ao ministério a capacidade do discernimento:

O discernimento não é uma sabedoria para os cultos, os doutos, os iluminados”. [...] “O candidato sabe discernir? aprenderá a discernir? Se sabe discernir, sabe reconhecer o que vem de Deus e o que vem do espírito mau; então isto basta para andar em frente. Mesmo se não entende muito, mesmo se o reprovamos nos exames..., tudo bem, desde que ele saiba como fazer discernimento espiritual”. (BERGOGLIO, 2017, p. 525.)

O discernimento é um carisma, uma graça, que não exclui o conhecimento humano, mas o transcende e ilumina, bem como ilumina as sábias normas da Igreja. Supõem sempre o conhecimento equilibrado e profundo do ser humano, bem como as orientações da Igreja:

Embora inclua a razão e a prudência, supera-as, porque trata-se de entrever o mistério daquele projeto, único e

irrepetível, que Deus tem para cada um e que se realiza no meio dos mais variados contextos e limites. [Está, sempre] em jogo o sentido da minha vida diante do Pai que me conhece e ama, aquele sentido verdadeiro para o qual posso orientar a minha existência e que ninguém conhece melhor do que Ele. Em suma, o discernimento leva à própria fonte da vida que não morre, isto é, conhecer o Pai, o único Deus verdadeiro, e a quem Ele enviou, Jesus Cristo (cf. Jo 17, 3)..” (cf. Mt 11, 25) (GE 170).

Francisco conclui a sua reflexão sobre o discernimento na *Gaudete et Exsultate* com um parágrafo de particular relevância:

Quando perscrutamos na presença de Deus os caminhos da vida, não há espaços que fiquem excluídos. Em todos os aspetos da existência, podemos continuar a crescer e dar algo mais a Deus, mesmo naqueles em que experimentamos as dificuldades mais fortes. Mas é necessário pedir ao Espírito Santo que nos liberte e expulse aquele medo que nos leva a negar-Lhe a entrada nalguns aspetos da nossa vida. Aquele que pede tudo, também dá tudo, e não quer entrar em nós para mutilar ou enfraquecer, mas para levar à perfeição. Isto mostra-nos que o discernimento não é uma auto-análise presuntuosa, uma introspecção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos (GE 175).

O ministério do acompanhamento no processo formativo, no caminho do discernimento, tem o objetivo de ajudar a pessoa a viver a vocação como resposta autêntica ao chamado de Deus, capacitando-a de tornar próprios os valores cristãos e vocacionais do próprio carisma, deixando-se formar interiormente pelo Espírito, no caminho da sequela de Jesus. Ou, dizendo em outras palavras:

...a formação vocacional tem o objetivo de ajudar o formando ou a formanda a crescer na capacidade de amar, percorrendo um ‘itinerário de progressiva assimilação dos

sentimentos de Cristo para com o Pai' e, segundo o estilo e um carisma específico (VC 65).

Na essência da vocação cristã existe um diálogo e uma aliança de amor, onde a natureza da motivação vocacional é primária e essencialmente afetiva. No discernimento da assimilação dos sentimentos de Cristo, torna-se uma resposta assumida ao chamado Divino “empenhando toda a afetividade da pessoa” (PI 9).

O caminho formativo deve, pois, levar a pessoa a integrar sua afetividade, sexualidade, emoções e sentimentos com a razão, de modo tal que o intelecto ilumine e indique o Caminho a ser seguido e os afetos dêem a força para agir. As energias afetivas sustentam a vontade e levam a pessoa a seguir o caminho intuído e indicado pelo intelecto, e a viver segundo os valores escolhidos. A imaturidade afetiva impede de fazer este caminho.

A pessoa humana integrada precisa constantemente gerir sua afetividade, tecida por vários componentes: amizade, amor oblato, ternura, e também impulsos e instintos. Exatamente porque a área afetiva contém uma força, um instinto que a impulsiona, ela deve ser integrada e canalizada a serviço da unidade fundamental da pessoa, e na tensão do crescimento que isto implica.

Na formação, formador e ambiente formativo são expressões concretas deste caminho e da alteridade do mesmo. Daí a pergunta: que atenções são necessárias ao formador para que possa ajudar melhor ao formando no seu crescimento humano vocacional, na sua capacidade de amar? Antes de tudo: aprender a conhecer o formando e ajudá-lo a conhecer-se como pessoa. É

salutar também ter presente que os formandos que nos procuram, como nós um dia, entram com o desejo de seguir o Senhor... e trazem consigo: uma bagagem de expectativas e desejos com relação ao futuro; sua história e o seu passado pessoal e familiar; suas potencialidades e limites.

O acompanhamento no caminho formativo, hoje, parece redobrar-se, devido as características do nosso tempo. Transcrevo a fala do Papa Francisco, que me parece muito elucidativa, sem comentá-la: “O ser humano nunca descansou tanto como hoje, e no entanto nunca experimentou tanto vazio como hoje”, declarou o Papa (Audiência Geral, 05/09/2018). Vazio, como fruto da não integração da história pessoal e das fugas de si mesmo. Continua Francisco:

A sociedade atual está sedenta de divertimentos e férias. A indústria da distração, escutai bem, a indústria da distração é deveras florescente e a publicidade concebe o mundo ideal como um grande parque de jogos onde todos se divertem. O conceito de vida, hoje, não tem o epicentro na atividade e no compromisso, mas na evasão. Poupar para divertir-se, satisfazer-se. [...] É necessário reconciliar-se com a sua história, com os fatos que não se aceitam, com as partes difíceis da própria existência. Pergunto-vos: cada um de vós reconciliou-se com a sua história? A verdadeira paz, efetivamente, não é mudar a própria história, mas acolhê-la e valorizá-la, tal como aconteceu (Audiência Geral, 05/09/2018).

Somos o que somos, porque crescemos numa dada família, vivemos certas experiências e frequentamos determinado ambiente sócio-cultural. Da parte do formador, requer-se um conhecimento realístico de sua pessoa, de sua história e do seu contexto familiar e partilha de vida com alguém (acompanhamento) para trabalhar os nós-cegos, as sombras no autoconhecimento.

Concluindo, elenco sinteticamente alguns pressupostos no caminho do Acompanhamento/Discernimento: a) O Espírito do Senhor e seu santo modo de agir habita cada pessoa e age (no formando, no formador e na relação); b) O Senhor cura, transforma, liberta e faz viver no caminho, ao formando e ao formador: eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, quem me segue não anda nas trevas. Para que a mediação de acompanhamento seja qualificada, são necessárias algumas condições: experiência de Deus e oração; sabedoria oriunda da escuta da Palavra de Deus; bom conhecimento da doutrina cristã e católica; disponibilidade de tempo, paciência, afeto e boa vontade. O Formador ou Acompanhante ainda deve possuir um bom conhecimento do percurso do crescimento humano e das leis do desenvolvimento psicológico e das dinâmicas relacionais.

PARA DIALOGAR

a) Quais e que memórias carregamos/carregamos das relações de ajuda no acompanhamento formativo e no discernimento pessoal e comunitário?

b) “... o homem concreto continua a gritar a necessidade de ser ajudado a enfrentar as questões que o afligem” (Papa Francisco). Quais são as questões dramáticas que neste tempo nos exigem maior discernimento, como Vida Consagrada em Formação, visando responder aos apelos de uma Vida Consagrada Profética, como Igreja em saída?

c) “É necessário reconciliar-se com a sua história, com os fatos que não se aceitam, com as partes difíceis da própria existência. Pergunto-vos: cada um de vós reconciliou-se com a sua história? A verdadeira paz, efetivamente, não é mudar a própria história, mas acolhê-la e valorizá-la, tal como aconteceu” (Papa Francisco, Audiência Geral, 05/09/2018). Partilha dos sinais concretos que

habitam nossas fraternidades e que evidenciam uma reconciliação pessoal e comunitária. Existem contra-sinais e que nos roubam a ‘verdadeira paz’?

REFERÊNCIAS

BERGOGLIO, Jorge Maria. Essere nei crocevia della storia. Conversazioni con i gesuiti del Myanmar e del Bangladesh. **Civiltà Cattolica**, 2017, IV, 525.

FRANCISCO, Papa. *Gaudete et exsultate*: Exortação Apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2018/4/9/gaudete-et-exsultate.html> Acesso em: 12/04/2019.

IMODA, Franco. **Sviluppo umano**. Psicologia e mistero, EDB, Bologna 2003.

JOÃO PAULO II, Papa. ***Vita Consecrata***. Exortação Apostólica Pós Sinodal. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html Acesso em: 12/04/2019.

VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA E POLÍTICAS PÚBLICAS

Ir. Raquel Pena Pinto, FMH



, FMH

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui... prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. [...] Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mc 6,37) (EG 49).

A Campanha da Fraternidade 2019 lança um grande desafio para todos os cristãos e cristãs de boa vontade e, em especial, para a Vida Religiosa Consagrada (VRC) que, desde o Concílio Vaticano II, está integrada como Povo de Deus (LG 11), situada na vida da comunidade eclesial, impelida à missionariedade.

Com o Lema “*Serás libertado pelo direito e pela justiça*” (Is 1,27) a Campanha nos convida a aprofundar o que são ‘Políticas Públicas’ enquanto garantidoras de direitos; direitos estes usurpados de tanta gente empobrecida que sofre diariamente as consequências de um sistema que impede que as pessoas tenham uma vida mais humana e feliz.

A Vida Religiosa Consagrada na sua essência é um convite a escutar o chamado do Mestre e colocar-se radicalmente em seu seguimento, num despojamento total a serviço do Reino de Deus. Pelos relatos bíblicos e pelo testemunho das primeiras comunidades cristãs, constata-se que Jesus de Nazaré pautou sua vida e sua missão na defesa da vida: *“O Espírito do Senhor está sobre mim porque me ungiu para pregar o Evangelho aos pobres. Ele me enviou para proclamar a libertação dos aprisionados e a recuperação da vista aos cegos; para restituir a liberdade aos oprimidos, e promulgar a época da graça do Senhor”* (Lc 4,18-19). Assim, a missão primeira de um/uma cristão/ã e, sobretudo um/uma cristão/ã consagrado/a, é seguir Jesus em radicalidade. Somos chamados/as “a crer no que ele creu, viver o que ele viveu, dar importância ao que ele dava, tratar as pessoas como ele tratou, orar como ele orou, transmitir esperança como ele transmitiu” (PAGOLA, 2011, p. 570). Espera-se que a pessoa consagrada a serviço do Reino assuma, necessariamente, a prática/vivência da pedagogia de Jesus, que dedicava atenção especial aos simples e humildes, que não tinham direitos a nada e viviam à beira do caminho.

O tempo atual, líquido, complexo, marcado por tanta indiferença e acomodação, de certa forma contaminou a VRC e esta se deixou contaminar. Ao invés de construir um seguimento a Jesus apaixonado, criativo, “capaz de ouvir a voz da realidade, especialmente dos pobres, no compromisso com a justiça social, para que os povos tenham vida” (DA 216) enclausurou-se em suas próprias dificuldades, centrada em si, preocupada com a falta de

vocações e o envelhecimento avassalador de seus quadros, ou ainda investiu e continua investindo, com a força que resta, em grandes obras de saúde, educação e, quando muito, nas paróquias. É fato que VRC tem encontrado dificuldades para abrir-se a novas frentes de missão, a encontrar o outro que continua interpelando-a com os mais diversos rostos, a abrir-se para as novas urgências. O rosto é: a mulher que sofre violência, o jovem, a criança, o/a indígena, o/a negro/a, o analfabeto, o/a portador/a de necessidades especiais, os homossexuais, os/as idosos/as, refugiados/as... Talvez seria pertinente perguntar-se: Tem sentido continuar fazendo o que sempre se fez nas Instituições? Depois de longos anos investindo na formação das elites brasileiras, existem resultados pelos quais se pode orgulhar? Como se comportam os ex-alunos e alunas quando tem a chance de agir como agentes de transformação da sociedade? O questionamento não é uma crítica aos valorosos religiosos e religiosas que dedicam bravamente suas vidas nestas grandes obras, mas chamar atenção para a necessidade de repensar com coragem a opção pelos pobres na Igreja e, para que isto aconteça no âmbito da VRC, é urgente repensar obras, serviços e missões.

A VRC precisa abandonar suas seguranças, manter as portas abertas para encontrar os novos rostos, mas também deve sair às ruas, ir aonde a vida clama e assumir a nova eclesiologia proposta pelo Papa Francisco que, no Ano da Vida Consagrada, tinha a seguinte expectativa: “Não poderia este Ano ser ocasião de sair, com maior coragem, das fronteiras do próprio Instituto para se elaborar em conjunto, em nível local e global, projetos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Poder-se-á

assim oferecer, de forma mais eficaz, um real testemunho profético.[...] Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem contando apenas com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua e nos preserva da doença da autorreferencialidade”. (CARTA APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO ÀS PESSOAS CONSAGRADAS, n.3).

Sair às ruas, anunciar o Reino com audácia e coragem, ir aonde outros/as não querem ou não podem ir, arriscando a própria vida, para levar amor, justiça, alegria e Paz, eis o convite! Coragem, ousadia, liberdade, atrevimento e risco. Isso encontramos na vida de Jesus. Talvez precisemos de uma sacudida para lembrarmos a quem decidimos seguir. Neste sentido a Campanha da Fraternidade 2019 apresenta-se como uma grande sacudida, ou oportunidade, porque nos desafia a atuar num campo nada confortável para grande parte de religiosos e religiosas. Nós entendemos de filantropia, mas falamos pouco de direitos, e o convite é olhar para as pessoas como cidadãos/ãs de direitos, superar o individualismo, a caridade confundida com assistencialismo, a troca de favores e responder às demandas das pessoas e da sociedade como política pública, direito do cidadão e dever do Estado, o que exigirá muita participação nas lutas junto com o povo.

As políticas públicas são “um direito de cidadania e servem para garantir os direitos fundamentais à saúde, educação, moradia, trabalho, cultura, lazer, acesso às tecnologias, preservação do meio ambiente”, entre tantos outros. É óbvio que as Políticas públicas

não são só para os pobres, mas são estes que mais sofrem quando estas falham. Acolher o desafio da Campanha significa colocar-se em movimento, envolver-se em Política e vale lembrar que o Papa Francisco, atualizando Paulo VI, disse que “a política é a melhor forma de fazer caridade”, porque através das decisões políticas se garante ou não condições de vida digna às pessoas. Assim, fica o desafio de superar uma VR que se acomoda ao sistema, perde a paixão e a motivação no seguimento de Jesus Cristo, assim como o desafio de descobrir novas formas de inserção, recuperando a presença, o contato com a vida, com o povo, superando o comodismo e o medo e buscando um projeto concreto no qual se expresse as novas oportunidades que o Espírito vem suscitando para a renovação da VRC.

Falar de VRC e Políticas públicas é, portanto, falar de um olhar que precisa estar fixo em Jesus, que trouxe a proposta do Reino que é, antes de tudo, vida plena para todas as pessoas (Jo 10,10); é fazer parte nas lutas que pressionem o Estado a fazer a sua parte; é falar de participação junto aos movimentos populares, tão desrespeitados no atual cenário político brasileiro. É caminhar na frente, atrás, junto do povo, até que chegue a resultados concretos que transformam efetivamente a vida das pessoas.

Para dialogar:

1. A VRC na sua essência é um convite a escutar o chamado do Mestre e colocar-se radicalmente em seu seguimento, num despojamento total a serviço do Reino de Deus com COMPAIXÃO. Até que ponto nos deixamos seduzir pelo

conforto, comodismo e assim descuidamos da profecia diante das tantas injustiças atuais?

2. Tem sentido continuar fazendo o que sempre se fez nas Instituições? Os nossos serviços e obras correspondem ao Carisma deixado por nossos fundadores e fundadoras? Estão adequados para responder às necessidades da Igreja e da sociedade de hoje?

3. A VR defende a vida e a causa dos pobres? Qual a contribuição que o tema ‘Políticas Públicas’ pode trazer para a missão da VRC?

REFERENCIAS

BÍBLIA. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. Documento de Aparecida. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA EVANGELII GAUDIUM. A Alegria do Evangelho. Papa Francisco. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, n. 198. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAGOLA, José Antônio. Jesus aproximação Histórica. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOUZA, Rui de Souza. Fraternidade e Políticas públicas. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583970-fraternidade-e-politicas-publicas> Acesso em 02 de março de 2019.



DESPERTANDO VOCAÇÕES: REFLEXÕES SOBRE O ANO VOCACIONAL

Ir. Clóvis Trezzi, fsc

Vocações existem, elas só precisam ser despertadas (Dom José

Roberto Fortes Palau).

O momento vocacional na Igreja pode ser considerado por muitos como um tempo de “silêncio de Deus”. Parece que há cada vez menos jovens interessados na vida religiosa ou eclesial. Isso acontece justamente na época da história em que a população nunca foi tão grande no mundo e, somado a isso, nunca houve tantos jovens – e provavelmente nunca mais haverá, já que a tendência é que a população mundial continue crescendo por mais alguns anos e depois decresça, ao mesmo tempo em que a expectativa de vida é cada vez maior e o número de mortes violentas de jovens também vem aumentando assustadoramente, o que representa um envelhecimento da população.

Podem ser somados a isso ainda dois fatores: a crescente secularização do mundo e o desinteresse, também crescente, pela Igreja enquanto instituição. Numa relação aparentemente contraditória, mais e mais as pessoas parecem buscar apoio espiritual e vemos, nas paróquias, diversos jovens engajados em pastorais, especialmente na animação litúrgica e em grupos como CLJ e tantos outros, especialmente os ligados à RCC. Ao mesmo tempo, as novas comunidades de vida têm uma procura muito grande por jovens ansiosos por experimentar uma realidade cristã

mais radical – em diversas delas, com uma alta rotatividade de pessoas devido à pouca perseverança. Como explicar este fenômeno? Estaríamos de fato diante de um “silêncio de Deus” no que se refere ao chamado? Ou seria uma realidade dos novos tempos, do fenômeno chamado de “pós-modernidade”, marcado por uma série de características que afetam profundamente o ser humano e a sua capacidade de tomar decisões?

A modernidade líquida e sua influência sobre a fé

Não é possível separar o ser humano da realidade em que ele está inserido historicamente. Da mesma forma que se pode dizer, como Rousseau, que o ser humano sofre influência da sociedade, afirma-se que a sociedade é constituída por seres humanos que a fazem assim como é. Dito isso, se pode afirmar que é, em parte, descabida a reflexão que muitas vezes se faz de que os problemas da atualidade são culpa das características da pós-modernidade. Digo “em parte”, porque foi o próprio ser humano moderno que moldou estas características, das quais agora sofre influência.

Assim, a modernidade, que começou mais ou menos no século XV, abriu espaço para a pós-modernidade, que, em termos religiosos, herdou todas as características da secularização do final do século XVIII e continuou crescendo até o começo do século XX. Somando-se a isso, estão os distintos elementos que foram sendo incorporados à fé cristã, que pertencem à chamada *New Age* ou Nova Era (que, nos anos 90, dizia-se que tinham potencial para acabar com a religião) e as outras características dos seres humanas na pós-modernidade (ou modernidade líquida): individualismo,

decisões tardias, dificuldades em assumir compromissos permanentes, polarização de ideias, confusão de sentimentos, relativização, etc. Todos estes elementos, entre outros, têm profunda influência sobre a questão da fé. É errado dizer que o século XXI é o século da razão. Este século é o da confusão de sentimentos. As pessoas já não sabem mais identificar o que sentem e o que fazer com estes sentimentos. E a fé (e a vocação, que é uma questão de fé) depende essencialmente do sentir Deus, mais do que do pensar Deus; assim, esta confusão, típica de uma sociedade que vive em um mundo denominado líquido, de acordo com o conceito de Bauman, e que assume as características deste mundo. E quando assume estas características, o faz em todas as dimensões, inclusive na dimensão da fé.

Para falar de vocação neste ambiente, então, é preciso tomar cuidado para não se deixar levar pelos relativismos típicos da época em que vivemos e, ao mesmo tempo, prestar atenção aos símbolos que estão presentes no mundo contemporâneo, e que atingem muito facilmente os jovens.

O que a Igreja tem feito

Dentro dessa compreensão, de que o mundo muda e, junto com ele, as pessoas e as instituições, a Igreja tem procurado, nas últimas décadas, ser sinal da presença de Deus entre os jovens, buscando a construção de uma *cultura vocacional*. Desde 1983, quando foi celebrado o primeiro ano vocacional, sucederam-se os congressos e outras atividades com o fim de atingir mais diretamente as juventudes.

Desenvolver uma cultura vocacional não é fácil. Ela supõe que todo o fazer e o pensar da Igreja sejam vocacionais. Assim, falar em vocação torna-se algo natural e, ao mesmo tempo, os próprios vocacionados, sejam eles consagrados ou não, sejam propagadores, por meio de suas palavras e ações, das vocações. Além disso, faz com que todos os batizados se sintam vocacionados e responsáveis pela vida da Igreja.

Dessa forma, a palavra vocação deixa de ser direcionada apenas para alguns grupos dentro da Igreja, como os Padres, as Irmãs e os Irmãos, e é reconhecida como o chamado de Deus para todos os cristãos. Todos somos herdeiros de Cristo, e, portanto, todos somos chamados a viver o Reino aqui e agora, e essa vivência acontece em diferentes formas.

Ao proclamar o ano vocacional, a Igreja quer trazer esta reflexão para todos. Desde 1983, foram dois anos vocacionais (1983 e 2003) e três Congressos Vocacionais (1999, 2005 e 2010). Todas essas atividades tiveram por objetivo, com sucesso, continuar a refletir sobre a dimensão vocacional na Igreja. Pode-se afirmar que foi “com sucesso” porque, mesmo com o decréscimo no número de ingressantes nas casas de formação e seminários, o assunto continua vivo nas nossas comunidades e estamos ainda lutando para não passar pela mesma situação de países europeus, nos quais já não há jovens interessados na vida religiosa e sacerdotal.

Além disso, nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, a CNBB reafirma: “a *pastoral vocacional* se torna prioritária neste novo momento da história da evangelização,

colaborando para suscitar e acompanhar vocações para o serviço da comunidade e para a atuação profético-transformadora da sociedade” (DGAE 2015-2019, n. 106).

Por tudo isso, o compromisso da Igreja com as vocações tem se mostrado muito forte, embora ainda seja necessário trabalhar mais para chegar mais diretamente aos jovens, tanto no que se refere à vocação sacerdotal e à vida religiosa, quanto à de leigo comprometido.

O 4º Congresso Vocacional

O ano de 2019 será marcado pelo quarto Congresso Vocacional, que acontecerá em Aparecida, de 5 a 8 de setembro, com o tema “Vocação e discernimento” e o lema “Mostra-me, Senhor, os teus caminhos” (Sl 25,4). O que transparece com este tema é uma ideia que vem sendo difundida nos últimos tempos que é a ideia de itinerário vocacional. Pensar a vocação a partir do discernimento é um passo a mais no processo de reflexão vocacional feita pela Igreja. Vejamos: o primeiro Congresso, em 1999, trabalhou a questão das motivações vocacionais a partir das quatro etapas: despertar, discernir, cultivar e acompanhar. Estas quatro etapas por si sós configuram um itinerário, mais voltado, contudo, para a pessoa do animador. Mas elas foram fundamentais para o desenvolvimento de todo um novo processo de pastoral vocacional no Brasil. O segundo congresso, em 2005, começou a discutir o discernimento a partir das relações, destacando o valor da pessoa, a partir da sua subjetividade, focando também nos processos de planejamento e organização da pastoral vocacional. O terceiro, em 2010, acolheu o Documento de Aparecida, analisando

as vocações no contexto próprio do vocacionado, o que contribuiu significativamente para o fim dos “redutos vocacionais”, e fortalecendo a questão do pluralismo vocacional, ou seja, a compreensão de que em todos os contextos existem vocações e que elas devem ser trabalhadas a partir do contexto em que surgem. Essa ideia revolucionou, de alguma forma, a animação vocacional, descentralizando as atividades e permitindo a existência de uma riqueza imensurável com a diversidade cultural. O tema deste Congresso foi o discipulado, considerando o batismo como fonte de todas as vocações.

Ao trabalhar a questão do discernimento, o quarto congresso dá sequência a este itinerário vocacional, mostrando que não se desenvolve nenhuma vocação de maneira isolada, mas sempre dentro de um contexto e de um processo. A pastoral vocacional, desde o primeiro congresso, não é mais o antigo recrutamento, mas um processo sistemático no qual o discernimento ocupa um lugar central, pois ele vai acontecendo durante toda a vida.

O texto bíblico de Jo 14, escolhido para servir como inspiração para o Congresso, mostra os discípulos numa certa crise, pois ainda, já na última ceia, não haviam conseguido compreender quem era de fato Jesus. Já começavam a perceber que logo teriam que caminhar pelas próprias pernas, sem a presença física de Jesus a tomar as decisões, e isso os assustava, e não sabiam para onde ir. Começava aí um processo de discernimento vocacional que partiu de um itinerário de alguns anos junto com Jesus. A reflexão sobre o discernimento traz à luz a ideia de que o

vocacionado não pode ser sempre uma pessoa dependente, mas que precisa dar cada vez mais passos para que o crescimento aconteça.

A ideia do discernimento vocacional à luz de João 14 leva o vocacionado a perceber que para dar uma resposta significativa ao chamado de Deus é preciso primeiro conhecer Jesus. Reafirmando a ideia do Batismo como fonte de todas as vocações, o Congresso mostra que, para o cristão, saber quem é Jesus, ou seja, conhecer a quem está dedicando a sua vida, é fundamental. Não se pode seguir qualquer coisa: numa perspectiva de itinerário vocacional, conhecer antes o caminho a seguir fortalece o processo de discernimento. Parece que, nos próximos anos, não há muita esperança de vermos, como era há muitos anos, os seminários e casas de formação cheias. O que precisamos, para o século XXI, é de padres, religiosos e leigos conscientes de sua vocação e missão, e para isso é preciso um bom processo de discernimento vocacional.

Conclusões

Não é verdade a premissa levantada no começo deste texto de que haja um “silêncio de Deus” no que tange à dimensão vocacional. Alguns até podem pensar assim, mas a verdade é que houve uma mudança de época, que veio junto com uma mudança de mentalidade. Portanto, Deus não silenciou, ou não deixou de chamar; o que mudou foi a maneira como as pessoas passaram a encarar a ideia de vocação e de religião no século XXI.

Ao assumir uma postura firme em relação às vocações, recordando o atual projeto “Cada comunidade uma nova vocação”, a Igreja mostra aos fiéis que está sempre preocupada com o

despertar vocacional; mas, mais do que isso, está preocupada com todo o itinerário que vem a seguir, que leva a formar pessoas maduras para assumir com coragem a sua fé. A oração pelas vocações, pedida pelo Papa Francisco, ainda trabalha com a perspectiva de arrebanhar jovens para os seminários e as casas de formação, o que também é necessário. É importante que a Igreja se dê conta de que uma nova vocação em cada comunidade não é suficiente; é necessário que, em cada comunidade, todos os fiéis sejam e se sintam vocacionados, e todos sejam parte desse grande itinerário vocacional.

Portanto, nada mais pertinente que perceber, na Igreja do Brasil, iniciativas como os anos vocacionais, que se sucedem num espaço mais longo de tempo, e os Congressos Vocacionais, que acontecem nos intervalos entre um ano vocacional e outro, e ocorrem com mais frequência. O ano vocacional serve para trazer luzes e reavivar a chama da vocação, ao passo que os congressos vocacionais aportam ideias novas e elementos práticos para que a animação vocacional aconteça de maneira efetiva e possamos ter vocacionados livres, maduros e conscientes de sua vocação/missão.

Oxalá possamos dar passos mais significativos em direção a uma cultura vocacional que seja direcionada a todos os cristãos batizados, compreendendo o batismo como fonte de todas as vocações.

Para dialogar:

1. Como criar uma cultura vocacional em um mundo marcado pelo pluralismo?
2. Quais são os grandes desafios que a Igreja precisa encarar para lidar com a questão das vocações?
3. Na sua comunidade, na sua paróquia, o que se pode fazer para criar e alimentar uma cultura vocacional?



POR UM CREPÚSCULO QUE RECOLHA O FRESCOR DA AURORA E A LUZ DO MEIO-DIA.

Pe. Itacir Brassiani msf

As diversas fases da vida apresentam à pessoa humana possibilidades e demandas específicas. Em cada uma delas, o modo de viver a fé adquire conotações muito próprias, e a espiritualidade deve oferecer luzes e enfrentar demandas inéditas. E este é também o caso da fase do envelhecimento.

Envelhecimento: o desafio de ser um vinho bom

O envelhecimento não pode ser tratado como um processo inexorável de decrepitude. A pessoa idosa não pode ser considerada um simples objeto de serviço e piedade. O envelhecimento é uma etapa normal do desenvolvimento humano e, como tal, apresenta limites e possibilidades. E o proverbial bom vinho velho não é automaticamente garantido: ele depende da qualidade da uva e dos barris, assim como do processo de elaboração, decantação e conservação.

Com os primeiros sinais da velhice, a pessoa que, nas fases anteriores da vida, se identificou exclusivamente com seu ego, seu corpo ou sua função social corre o risco de perder o ânimo de viver e entrar num perigoso processo de depressão, do qual os/as religiosos/as não estão livres. E a pessoa demasiadamente fixada

em si mesma pode resvalar compulsivamente para as dietas e exercícios físicos, ou então buscar afoitamente roupas e comportamentos que disfarcem o que está acontecendo.

É claro que isso tudo não passa de uma solução superficial: se não houver um sério processo de amadurecimento, no sentido de transformação da personalidade, de busca do Ser profundo, o único que pode assegurar plenitude e sentido inclusive para a morte, o problema será simplesmente adiado e, mais cedo ou mais tarde, explodirá, inclusive em forma de doenças.

Por isso, é importante estimular e acompanhar as pessoas idosas num processo de conversão que as ajude a olhar para dentro de si mesmas e para os tesouros espirituais e humanos que acumularam, para que possam descobrir que, nesta etapa da vida, a beleza vem do interior, se expande de dentro para fora. Nesta fase da vida, as pessoas precisam ser ajudadas a abandonar os mitos de beleza e de produtividade que lhes foram incutidos pela cultura hegemônica, e a redescobrir e seguir as convicções profundas que a vida lhes ensinou.

Os psicólogos dizem que, na segunda metade da vida, o Ego começa a retornar à sua origem, ao Si-mesmo onde foi gerado. Quando esse encontro profundo acontece, há duas possibilidades: se o Ego da pessoa for frágil ou mal estruturado, pode acabar assimilado ou destruído pela energia intensa do Eu profundo; se for um ego sadio, pode abrir-se a um diálogo com o Si-mesmo e será iluminado e potencializado por esta espécie de luz da psique coletiva.

Não podemos esquecer que a velhice é fase da vida na qual as relações primárias sofrem profundas mudanças e as perdas e distanciamentos são mais frequentes, intensos e duradouros. É também o período no qual há uma notável perda da relevância do status social e eclesial. Daí a necessidade de que as pessoas idosas sejam ajudadas a entender que isso não significa necessariamente abandono e decadência, mas uma simplificação condensação dos vínculos com o mundo das instituições, uma porta aberta para uma vida mais contemplativa, serena e livre da ditadura da ambição e da produção.

Também não é bom escamotear outro fato ineludível: na etapa da vida que vai da vida adulta à velhice, a experiência de diminuição e descida é absolutamente inevitável. Com muita probabilidade, com a aproximação do final da vida, a pessoa começa a pensar mais na finitude, tanto em termos gerais como pessoais, e isso é muito importante. A propósito desta questão, Gustavo Jung escreve, com sua costumeira perspicácia: “Do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida, inverte-se a parábola e nasce a morte”.

É claro que a finitude é sempre brutal e assombra. E então, conforme avançamos no tempo, o medo e a angústia podem se apresentar como companhias indesejáveis e difíceis. E isso é ainda mais forte e intenso quando a inflação do ego produziu uma pessoa soberba e orgulhosa que, mais cedo ou mais tarde, acaba se chocando com a realidade e descambar para a psicose e desenvolver comportamentos compulsivos.

Nesta situação emerge a relevância da missão dos cuidadores e acompanhantes, e da espiritualidade. Não se trata simplesmente de cuidar da higiene, da saúde e da alimentação de restos de seres humanos que esperam o fim da vida, nem de multiplicar exercícios de piedade, mas de acompanhar e estimular pessoas carregadas de experiência, habitadas por medos e sonhos, ligados a outras pessoas e situações mediante vínculos variados; pessoas concretas e vivas que têm o direito e o desejo de viver com satisfação e sentido também esta fase da vida.

Espiritualidade cristã: viver segundo o Espírito de Jesus

Não podemos, de modo nenhum, menosprezar a dimensão orgânica ou biológica da vida, mas precisamos afirmar com serena ênfase: a vida humana não se reduz a estas dimensões. A fé e a espiritualidade cristã lançam luzes e abrem caminhos a dimensões que transcendem o estatuto biológico da vida, e nos chamam a cuidar e cultivar aspectos que não se deixam prender ao calendário ditado pelo tempo.

Mas, lembremos ao menos de passagem, num contexto no qual a religião é buscada como uma espécie centro de saúde e muitos pensam que “saúde é o que interessa, e o resto não tem pressa”, “a fé não pode ser confundida com um método transacional que tenha em mira a boa saúde da pessoa e conferir-lhe a capacidade de retornar à superfície quando se sente submersa”, como ensinava o mestre Arturo Paoli.

No cristianismo a pessoa com espiritualidade é aquela que leva a sério o Evangelho de Jesus Cristo e unifica sua vida em torno a ele, deixa-se guiar pelo seu Espírito. E é claro que isso tem

pouco a ver com o estrito cumprimento de normas morais e as práticas de piedade. A espiritualidade não tem como objetivo desenvolver um tratado de leis e normas, ou um método de oração, mas propor o perfil e o itinerário uma pessoa espiritual: viver as relações com os outros e com as coisas, crescendo no amor, na liberdade e no serviço.

Numa perspectiva cristã, entendemos a vida espiritual como o *crescimento no amor e na liberdade*, uma vida segundo o Espírito. Portanto, uma compreensão ampla e correta da espiritualidade cristã deve partir do conceito e da experiência do Espírito Santo. A leitura conjunta das narrações do Antigo e do Novo Testamento, mesmo prescindindo dos contextos histórico-culturais e das teologias específicas de cada livro e de cada época, pode oferecer-nos alguns traços fundamentais da experiência cristã do Espírito.

Uma primeira característica da ação e da experiência do Espírito de Deus nas Escrituras é a *personalização*. A pessoa que se percebe destinatária da ação do Espírito descobre a própria originalidade, sente-se chamada a ser sujeito de si mesma e da história, a não ser uma simples reação ou efeito das decisões e intervenções de outros.

Esta consciência de si, que conhece várias etapas e intensidades, é imprescindível para estabelecer relações de irmandade e comunhão com os demais seres humanos e todas as criaturas. O Espírito de Deus transforma objetos em sujeitos, coisas em gente. Os idosos não são simples unidades, peças ou

objetos de atenção, mas pessoas vivas e templos do Espírito, arquivo vivo de memórias e laboratório de novidades.

Uma segunda característica da ação e da experiência do Espírito de Deus segundo a Bíblia é a *comunhão*. Quem recebe o Espírito e permite que ele dinamize sua vida reconhece e estabelece vínculos de comunhão e convivência amorosa e respeitosa com as criaturas em geral, com as diferentes pessoas, com os diversos movimentos históricos e religiosos, com Deus. Quem vive no Espírito, experimenta uma união mística e concreta com tudo aquilo que vem de Deus. Sob o dinamismo do Espírito Santo, indivíduos e fragmentos renascem como parceiros e irmãos.

No caso das pessoas idosas, a tendência é enfatizar a relação com pessoas que já partiram e com tempos que passaram. Mas elas vivem também relações muito específicas e intensas com as pessoas que cuidam delas, com amigos e amigas próximos ou distantes e com Deus e os santos de sua devoção, e esses vínculos precisam ser considerados e valorizados.

A *liberdade* é um terceiro traço da ação e da experiência do Espírito segundo a revelação bíblica. Onde está o Espírito de Deus, ali está presente a liberdade, e isso nós percebemos antes de tudo em Jesus Cristo. Trata-se mais de uma liberdade para amar e servir que de uma liberdade de amarras ou imposições externas. Concretamente, o Espírito de Deus suscita na pessoa a capacidade de decidir e agir livremente e em favor da liberdade e da dignidade dos outros, liberta do condicionamento dos medos e ambições interiores e das imposições exteriores. Com o Espírito de Deus, quem era escravo experimenta a liberdade.

A complexidade da situação das pessoas que experimentam uma crescente limitação da autonomia pessoal deve ser levada em conta pelos/as cuidadores/as. E aqui é importante o estímulo à grandeza de alma, à liberdade de espírito, que ajuda a pessoa idosa a se libertar dos medos, escrúpulos ou sentimentos de culpa, acumulados ao longo da vida.

A atuação do Espírito é vivida também como experiência da palavra. O Espírito de Deus faz com que os mudos falem. Sob o dinamismo do Espírito, pessoas habituadas a silenciar as próprias dores e sonhos e a obedecer sem questionar tomam a palavra e se aventuram a falar publicamente. E não se trata de falar línguas estranhas, mas de dizer a vida, de proclamar uma boa notícia, de reclamar direitos, de denunciar opressões e de celebrar sentidos. O Espírito capacita as pessoas a elaborar um sentido para a vida e a história, a romper com as palavras e discursos repetitivos e predadores das instituições e sistemas.

Por conseguinte, no cuidado humano e espiritual das pessoas idosas é muito importante despertar e potencializar sua capacidade de expressão, tanto através da linguagem comum como através da linguagem das artes e dos gestos. Cercear a palavra e menosprezar a expressão de uma pessoa idosa pode significar calar o Espírito.

A ação do Espírito Santo nas pessoas aparece também como capacidade de agir. Os evangelhos mostram que quando o Messias (o homem ungido pelo Espírito) age, os paráliticos andam. Nas sociedades complexas somos ameaçados pelo risco de sermos reduzidos a operadores de sistemas sobre os quais não podemos

decidir, a soldados que apenas obedecem, sem nenhuma capacidade de iniciativa.

Quando o Espírito de Deus age e é acolhido, a pessoa descobre uma inaudita força que a leva à praça e lhe dá capacidade de liderar e agir na transformação da sociedade, na renovação da Igreja, na emancipação dos irmãos e irmãs. Esta ação é mais relação que operação, e está ao alcance das pessoas idosas. Daí a importância de estimulá-las a cultivar relações e a desenvolver algum tipo de atividade socialmente e espiritualmente significativa.

Um aspecto não menos importante, e que precisa ser devidamente ressaltado, é que a experiência do Espírito de Deus é uma experiência corporal. Na tradição bíblica, o Espírito não se opõe ao corpo ou à história, nem os ignora; ele se opõe ao pecado, ao fechamento e à morte. Experiências como personalização, comunhão, tomada da palavra, capacidade de agir e força de vida são fundamentalmente experiências feitas no corpo, dinamismos que transformam o corpo em habitação de Deus e mediação de sua ação no mundo.

Nesta perspectiva, a atenção aos gestos e reações corporais das pessoas idosas é muito importante, pois elas tendem a perceber o corpo como limitado, decadente e indesejável. O toque respeitoso e a carícia cheia de ternura contribuem enormemente com a saúde e com o bem-estar espiritual das pessoas idosas.

Uma penúltima característica da ação e da experiência do Espírito, que pode também ser considerada um seu fruto, é o *amor*. Como a vida, o amor é um dinamismo que resume em os demais

sinais ou expressões concretas do Espírito Santo. Jesus diz que amar o próximo como ele nos ama é o sinal mais eloquente da fidelidade a ele, e Paulo insiste que o amor é o dom espiritual que está acima de todos os outros e deve ser buscado, acolhido e exercitado.

Mas é preciso lembrar que *amar* não é substantivo nem sentimento, mas verbo e atitude: é reconhecer e afirmar a dignidade do outro como outro e colocar-se a serviço de suas necessidades. Como ensina João, sabemos o que é o amor porque fomos amados incondicionalmente por Deus em Jesus Cristo. Por isso, as pessoas idosas precisam ser estimuladas a contemplar e apreciar os inúmeros sinais de amor recebido, no passado e no presente, e a manifestar de forma sensível e concreta o amor, tanto a quem está perto como àqueles que estão longe.

Finalmente, a experiência do Espírito Santo é sempre uma experiência de *vida*, de vitalidade. Onde o Espírito atua, a vida renasce e se multiplica, em toda a sua beleza, exuberância e diversidade. E isso não obstante a fragilidade ou a diminuição das forças físicas! O Espírito faz com que os mortos ressuscitem!

Envolvida pelo Espírito de Deus, a pessoa faz a experiência de nascer de novo, de um rejuvenescimento radical e permanente, que não se reduz aos importantes mas insuficientes aspectos corporais, de uma vitalidade extremamente fecunda e que não se rende ao declínio das forças físicas ou institucionais. No Credo, afirmamos: “Creio no Espírito Santo, *Senhor que dá vida...*” Nas pessoas idosas, a vitalidade tem suas próprias manifestações, e descobri-las e estimulá-las é um precioso serviço espiritual.

Muitas outras coisas deveriam ser ditas sobre o Espírito de Deus, horizonte e princípio dinamizador e configurador da espiritualidade. Acrescentamos, porém, a apenas mais duas palavras. A primeira, é o lembrete de que *Deus envia seu Espírito a todas as criaturas*, e não apenas aos cristãos e à Igreja católica. Isso significa que, de algum modo, todas as pessoas são capazes de vida espiritual e podem ser mediações da ação libertadora de Deus no mundo. Os sinais de personalização, liberdade, comunhão, comunicação, ação e vida não são privilégios dos cristãos, quem pratica uma religião, e nem de quem vive na flor da idade e na fase mais potente e autônoma da existência. Segundo a tradição bíblica, tanto a Sabedoria como a bondade costumam vir acompanhadas pelos cabelos brancos e pelo declínio das forças físicas.

A segunda observação é que *o Espírito Santo dirige a história* como um todo, e não apenas a alma dos crentes, as pessoas da hierarquia religiosa ou civil, a Igreja ou as religiões. É ele que suscita e sustenta o anseio de comunhão e sustenta as lutas pelo reconhecimento da dignidade da pessoa humana e dos povos. O Concílio Vaticano II afirmou isso claramente: “O Espírito de Deus, que dirige o curso da história com admirável providência e renova a face da terra, preside a essa evolução. O fermento do Evangelho despertou e continua alimentando, no coração humano, uma irrefreável exigência de dignidade” (GS 26). Portanto, todos os autênticos anseios e movimentos de libertação, mesmo que não tenham explícita inspiração cristão ou religiosa, são suscitados pelo Espírito de Deus.

Sendo portadores de uma história viva e longa, as pessoas idosas podem desenvolver uma visão ampla e generosa da história, uma visão livre dos mitos do ativismo e da produtividade quanto do protagonismo eclesialístico ou político. Como seria importante acompanhá-los na maturação de uma percepção de que tudo está empapado pela graciosa e amorosa presença de Deus...

Por um crepúsculo com o frescor da manhã e a luz do meio-dia

Talvez não seja totalmente adequado falar da velhice como da fase do crepuscular da vida, ao menos no sentido de que seja a etapa da escuridão. Mas seria uma temerária ilusão escamotear um fato ineludível: esta fase está situada na segunda metade da vida, mais vizinha do seu desfecho que do seu início. Por outro lado, a imagem do crepúsculo não assinala prioritariamente um fim, mas um coroamento, uma síntese serena que recolhe o melhor da manhã e o mais intenso do meio-dia da vida. O crepúsculo não traz apenas a beleza em forma de saudade, mas também em forma de intensidade, essencialidade e esperança.

A primazia do amor

A velhice é a fase da vida em que o amor se torna mais fundamental e aparece em toda a sua essencialidade. A pessoa idosa descobre, às vezes não sem dor, que, diante do amor dado ou recebido, tudo o mais é secundário. Percebe que no entardecer da vida, é o amor que dá a medida e pronuncia a sentença sobre tudo o que passou, o que acontece e o que virá. A própria psicologia profunda ensina que é o amor, e não as conveniências sociais, que estabelece o vínculo profundo com as pessoas e com tudo o que

existe. Vem acompanhado de alegria e serenidade e estabelece o contato íntimo consigo mesmo.

Como sabemos, a linguagem do amor tem mais a ver com os verbos (amar é ação!) que com os substantivos (amor não é coisa, substância, conceito ou sentimento). Amar significa cultivar e manter uma relação de afirmação incondicional da identidade e dignidade do outro enquanto outro, e somente às vezes vem acompanhado do sentimento de agrado e satisfação. Ama quem reconhece e afirma o próximo como semelhante e portador de dignidade, quem se coloca a serviço das necessidades fundamentais do outro. Por isso, é importante ajudar a pessoa idosa a fazer uma releitura positiva daquilo que viveu em termos de afirmação e serviço aos outros, mas também a perceber as inúmeras expressões de atenção, carinho e solidariedade que recebeu e recebe nesta fase da vida. Nestas experiências e gestos quem está presente, de forma ativa e discreta, é o próprio Deus. Antes de ser força e jovialidade, Deus é Amor!

Assim, no momento especial da biografia existencial que é a velhice, uma iniciação ou um aprofundamento na vida contemplativa – com meditações, imaginação ativa e cuidados mais intensos com a vida interior – ajudará a eliminar os inevitáveis medos, inquietações e maus humores, assim como a descobrir conexões e sentidos nunca antes vislumbrados. Mas, para que isso seja possível, o vaso que foi enchido demais precisa ser esvaziado... E isso começa pelo abandono do sentimento de onipotência e pela superação do simpático e sedutor mito da imortalidade.

As pessoas verdadeiramente contemplativas são espíritos imensos em corpos insignificantes, dizia Arturo Paoli. Quem demonstrou isso eloquentemente Francisco de Assis: a liberdade e a maturidade espiritual fizeram dele um homem pequeníssimo e, ao mesmo tempo, gigante, uma criança e um adulto. Sem isso, a sabedoria dos idosos soa como insulto, a autoridade pode virar violência, a espiritualidade adquire feições de escapismo e as relações humanas vão em rota de colisão.

A mística da comunhão

Numa perspectiva um pouco diferente mas complementar, poderíamos dizer que a intensa e envolvente experiência de amar e de ser amado é a consciência de uma profunda comunhão com todas as pessoas, acontecimentos e coisas. É próprio do Espírito Santo criar vínculos entre as diferentes criaturas. Ele é fonte tanto da originalidade e da diversidade como da unidade através da comunhão. Ele, sopro divino que produz a individuação e a relação, é o fator de união, e não a inflexibilidade da lei, a igualdade formal ou a indiferenciação da disciplina. Assim também a espiritualidade que ele suscita e sustenta.

Por traz da descoberta da inter-relação comunicativa de todas as coisas e criaturas está a *mística da comunhão*, a percepção de que tudo é diverso e uno, de que temos a ver com tudo e de que tudo conspira para o nosso bem. Não se trata de um conceito, mas de uma experiência percebida no horizonte dos sentimentos e, mais profundamente, no horizonte da fé. O Espírito de Deus é derramado como força, luz e bondade sobre todas as criaturas, dá

coesão e sentido ao universo para que ele não se transforme num monte de fragmentos nem passeie desorientado e sem rumo.

A pessoa idosa vive esta mística da comunhão de um modo mais intenso com personagens e acontecimentos do passado, assim como com amigos e parceiros que já passaram “para o outro lado”. Isso não representa um desvio de personalidade ou outra espécie de problema, pois não há barreira intransponível entre os que vivemos aqui e aqueles que partiram. Como os descendentes de Jacó que, retornando do Egito, levaram na bagagem os ossos de José, trazemos e conservamos viva em nossa bagagem existencial a memória das pessoas queridas que partiram antes de nós. Nas pessoas idosas, esta memória é mais intensa, e o que precisamos é apenas cuidar para que esta comunhão não anule ou dispense totalmente a comunhão com as pessoas e acontecimentos do hoje.

De qualquer modo, a experiência de comunhão, com o mundo presente ou com o mundo passado, é sempre muito mais saudável que a indiferença e a sensação de isolamento, de ser um fragmento desconectado. E não importa a direção que este vínculo obedece: da intensa comunhão com o mistério de Deus para os seus amigos e criaturas, ou da comunhão viva com criaturas à comunhão com Deus.

A nobreza da serenidade

A grandeza da minoridade, a força da fraqueza, a beleza de uma vida plenamente realizada não obstante os limites físicos e as dores físicas ou psíquicas, a experiência do amor dado e recebido e da comunhão com todas as criaturas se expressam numa virtude essencialmente humana, que, talvez, seja característica da velhice

madura: a *serenidade*. O filósofo e jurista italiano Norberto Bobbio, aos 90 anos de idade, dedicou a esta virtude um belo, lícido e provocante ensaio, do qual transcrevo apenas algumas frases.

“A serenidade é o contrário da arrogância, ou da opinião exagerada sobre os próprios méritos. A pessoa serena não tem grande opinião sobre si mesma, não porque não tenha autoestima, mas porque é mais propensa a acreditar nas misérias que na grandeza do homem, e se vê como uma pessoa igual a todas as demais. A pessoa serena não ostenta nada, nem sequer a própria serenidade: a ostentação, que é a exibição vistosa e descarada das próprias alegadas virtudes, é em si mesma um vício.”

“A serenidade é o contrário da prepotência, que é abuso de potência não só ostentada, mas concretamente exercida. A pessoa serena é aquela que deixa o outro ser o que é, mesmo quando o outro é arrogante, insolente, prepotente; não entra em contato com os outros com o propósito de competir, de criar conflito, e ao final, de vencer. A pessoa serena não guarda rancor, não é vingativa, não sente aversão por ninguém. Atravessa o fogo sem se queimar, a tempestade dos sentimentos sem se alterar, mantendo os próprios critérios, a própria compostura, a própria disponibilidade.”

É possível que as ciências e, mesmo, a espiritualidade cristã, batizem a virtude que Bobbio chama de *serenidade* com outros nomes. Aqui, como sempre, as palavras importam menos que a realidade. O que importa mesmo é sublinhar a meta desejável

de uma vida que se aproxima do ocaso: nem a submissão boba, distraída e acrítica a autoridades e ao destino; nem o pedantismo de quem, considerando-se maduro e experiente, não consegue conviver com as outras gerações sem se impor como modelo inquestionável e válido para tudo e sempre. No horizonte da espiritualidade, uma pessoa que se comporta assim se mostra vazia e distante de Deus.

A aparente passividade da oração

Assim como a fase adulta e intermediária da vida costuma ser marcada pela atividade e pela produtividade, a velhice se caracteriza por uma certa passividade, ou por uma atividade mais holística e profunda. Com um pouco de poesia espiritual, poderíamos dizer que a velhice é o domingo da vida (Dom Aloísio Lorscheiter), o tempo do deslumbramento criativo, do silêncio comunicativo, da ação essencial, que vai ao núcleo da vida. É a fase de uma atividade com marcas de passividade, de paixão ou paciência, que significa abrir as portas e baixar a guarda a fim de que o granito no qual o papel social nos transformou seja agora transformado em cristal, pois a beleza da velhice é a transparência, e não a resistência.

Nesta linha de reflexão podemos dizer que, mais que o tempo da palavra, a velhice é o momento do silêncio. Nesta fase da vida percebemos que a palavra só pode ser dita quando estamos seguros de que ela é mais fecunda e expressiva que o silêncio. Este silêncio é a superação da agitação, da compulsiva necessidade de falar, ordenar e ensinar. Assim como na vida jovem e adulta o Espírito suscita a palavra, na idade avançada suscita o silêncio, a

sintonia que dispensa a palavra, não porque a despreza mas porque busca a eloquência que assume e a ultrapassa.

A espiritualidade própria de velhice dá grande valor à oração, e o silêncio lhe abre novas dimensões. O Cardeal Lorscheider ensinava que, sem oração, a velhice perde grande parte do seu sentido. Mas aqui a oração diz mais de um modo de ser dominante que de uma atividade entre tantas outras. É um meio para afastar a solidão, que é a companheira mais indesejável e ameaçadora desta fase da vida.

A respeito do padre idoso e da oração, o psiquiatra italiano, não-crente, Vittorio Andreoli diz que gosta de imaginar o padre idoso como “um padre que reza e que responde a todo pedido ou solicitação com a oração”, não para fugir da ação por “convicção de que a oração é ação, e ação certa, porque depende de Cristo ou de Deus que algo se mova.” E melhor ainda quando não é uma repetição de fórmulas consagradas, mas uma oração silenciosa.

Eke escreve: “O padre idoso é o mais preparado para ensinar a rezar, porque superou a necessidade de uma oração cheia de significado teológico, de uma oração dirigida a quem tem mais força para interceder junto ao Senhor. Ele sabe simplesmente que é preciso confiar-se em Deus, porque o homem é nada e se faz mistério na eternidade do Senhor Deus. A oração é silêncio, um silêncio que não é vazio, mas participação. Porque se percebemos o limite do homem e se conseguimos ver nesse limite o início da história de Deus, então já começamos a rezar, chorando, evocando, agradecendo. E o que temos a pedir a Deus senão que não sejamos excluídos da sua mesa, do seu Reino?”

Palavras sábias e profundas de um terapeuta experiente no acompanhamento de padres idosos, de um homem que sabe valorizar a fé que não tem mas que admira nos outros. Quem ousaria contestá-lo e afirmar que a oração vivida na dimensão do ser e da intensa comunhão com Deus e sua vontade é dispensável e estéril?

O esvaziamento plenificador

Sem resquício de maniqueísmo ou desprezo pelas outras fases da vida, podemos dizer que a fase da vida madura ou adulta, o meio-dia da existência, se caracteriza pela *taça cheia*, pela solidez bela e dura do *granito*. Estas marcas são positivas e nada desprezíveis, mas, quando estendidas à ancianidade, se tornam um problema. O *crepúsculo*, o *cristal*, a *taça meio-vazia* falam mais eloquentemente da velhice e lhe conferem uma fecundidade, um frescor e um colorido antes desconhecidos.

No caminho espiritual aberto e vivido por Jesus de Nazaré e atualizado pelo Espírito, o esvaziamento é sinal de plenitude, o despojamento é prova de força, a pequenez é claro indício de grandeza. A pessoa idosa recebe isso de graça, sem precisar buscar. A fraqueza física e o debilitamento psíquico, os limites intransponíveis, as perdas irreparáveis, a lentidão, enfim, a *kénosis*, passam a ser experiência diária e companheiros de caminho ou de cadeira e leito. Mas isso que é um dado, às vezes pesado e duro, precisa ser interiorizado como tesouro, dom e graça. É a possibilidade de desapego de futilidades e vaidades, de minúcias e manias, de rancores e mau humores, de sofrimentos e lamúrias. E

para isso, o perdão – concedido ou recebido, sempre generoso – é um caminho seguro.

Nesta perspectiva, a proverbial sabedoria que costuma ser atribuída à velhice se expressa mais na capacidade de continuar aprendendo e se deixar surpreender pela vida que no vício de passar lições continuamente. A sabedoria é a capacidade de saborear em profundidade as coisas da vida, e não apenas da vida passada. Sábio é quem descobre que o hoje é o primeiro dia do restante da sua vida (Dom Aloísio Lorscheiter), quem se percebe portador de uma memória coletiva e a coloca humilde e generosamente a serviço da vida presente e coletiva (João Paulo II). E isso supõe um certo esvaziamento, a percepção da insuficiência e da relatividade tanto do passado, como do presente e do futuro.

Longe de levar ao autodesprezo ou à dissolução da própria identidade, o esvaziamento que costuma acompanhar a velhice saudável pode ser vivido como uma espécie de simplificação e expansão criativa. A consciência de ter perdido a força de trabalho e a relevância produtiva não leva necessariamente à renúncia do melhor de si mesmo, a entrar numa espécie de aspiral necrófila, que começa em nós mesmos e se expande ao nosso redor. A velhice não traz consigo a perda da dignidade.

A fecundidade consoladora

A fecundidade é uma necessidade humana, tanto psíquica como antropológica e espiritual. A esterilidade existencial representa a imaturidade humana e o fracasso espiritual. Uma velhice acompanhada da sensação de um percurso de vida sem

nenhum sinal de fecundidade é um fardo difícil de sustentar, e pode levar ao desespero. As experiências enumeradas acima – primazia do amor, comunhão mística, serenidade, oração, esvaziamento e dom incondicional de si – são sinais eloquentes e complementares de uma vida fecunda, tanto na perspectiva humana como no horizonte espiritual. É claro que a fecundidade está longe de ser apenas uma questão biológica.

Reporto-me aqui à experiência narrada pelo meu saudoso confrade Pe. Rodolpho Ceolin. Na celebração das exéquias de uma pessoa idosa, ao ouvir a breve memória da sua vida, começou a se questionar: “Dentro de algum tempo estarei num esquife, sendo recomendado à misericórdia de Deus! Terei deixado alguém? E quem será esse alguém a chorar minha partida?” E continuou, recordando que seus avós maternos já tinham em torno de setecentos descendentes, que Deus ordenou a Adão e Eva que fossem fecundos, se multiplicassem e povoassem a terra, e prometeu a Abraão que sua descendência tão numerosa que ninguém poderia contá-la...

“Então escutei: “Eu te abençoarei!... Eu multiplicarei teus descendentes como as estrelas do céu e a areia da praia, *porque não me recusaste o teu filho único, porque por amor a mim e ao Reino renunciaste à paternidade carnal...*” E entendi que a realização e a glória de um homem ou de uma mulher não provêm apenas ou acima de tudo do número de descendentes gerados genitalmente. Como é consolador sentir que, após setenta, oitenta ou noventa anos ainda continuamos férteis, capazes de gerar e proteger a vida, de construir pessoas, de gerar novos cristãos. Que

maravilha poder tomar consciência de que ainda na velhice, até à morte e mesmo após ela, somos fecundos e podemos ser pais de muitos.”

Finalmente, o confrade nos recorda que encontramos a confirmação disso na própria Palavra de Deus. Entre tantas citações, recolheu alguns exemplos. Paulo escreve aos coríntios que foi ele, Paulo, quem os gerou em Jesus Cristo, através do Evangelho (cf. 1Cor 4,15). A Timóteo, o mesmo Paulo chama de “verdadeiro filho na fé” (cf. 1Tm 1,2). E, a Tito, chama “meu verdadeiro filho na fé, graça e paz” (Tt 1,4).

A entrega incondicional

Com o avançar dos anos, o desfecho da nossa vida histórica vai se tornando uma realidade evidente e mais que uma simples possibilidade remota. E então a vida, dom recebido e oferecido em mil gestos e tramas relacionais, nos pede uma oferta mais generosa e total, sem regateios, um salto mortal (ou seria um salto vital?) sem o apoio das muletas (da eficácia, da notoriedade, do retorno afetivo, etc.) nas quais fomos habituados a buscar apoio.

É o desfecho belo e terrível, que nos seduz e intimida; a passagem para um tudo pleno que deve ser feita através do vazio e do nada; uma travessia que, para ser saboreada, deve ser preparada com sereno esmero. Neste momento, como diz Dom Helder Camara, o bom vinho velho pode se tornar vinagre; o travo da fruta jovem pode se evidenciar mais fortemente na fruta madura; o apego às satisfações sensíveis, potencializado pelo medo e pela insegurança, pode se tornar mais rígido e intenso.

Em se tratando de pessoas consagradas ou ordenadas, o grande risco é simplesmente pressupor esta doação incondicional como resolvida e assegurada. Mas não precisamos de uma larga experiência no acompanhamento de consagrados idosos para comprovar a falsidade ou insuficiência deste pressuposto. Um continuado e competente acompanhamento espiritual que ajude a superar o apego a si mesmo e a amadurecer a capacidade de fazer-se dom generoso e incondicional, ancorado unicamente na bondade de Deus, é absolutamente necessário. A experiência demonstra que, nesta fase da vida, muitas pessoas consagradas travam combates duros e duradouros, difíceis de serem vencidos sozinhos.

Escrevendo sobre a formação permanente das pessoas consagradas, João Paulo II lembrava que a idade avançada coloca ao religiosos novos problemas, que devem ser enfrentados com um bom programa de apoio espiritual. Mesmo apresentando aspectos dolorosos, esta fase crítica pode oferecer à pessoa consagrada a oportunidade de “se deixar plasmar pela experiência pascal, configurando-se com Cristo crucificado que cumpre em tudo a vontade do Pai e se abandona nas suas mãos até lhe entregar o espírito. Quando chega o momento de unir-se à hora suprema da Paixão do Senhor, a pessoa consagrada sabe que o Pai está finalmente levando a cumprimento nela aquele misterioso processo de formação, há tempos iniciado. A morte será, então, esperada e preparada como o ato supremo de amor e de entrega de si mesma.”

Precisamos ter presente que fatores de nenhum modo irrelevantes, como as limitações físicas ou psíquicas, especialmente quanto impedem a convivência social mais intensa e

o reconhecimento público mediante uma estreita compreensão e produtividade, tornam a fidelidade a Deus e a si mesmo mais difícil e diminuem o sentido da vida. Portanto, representam uma prova exigente e uma séria ameaça espiritual, e demandam maior confiança e amor mais intenso à pessoa. Quando devidamente acolhidas e assimiladas pelo consagrado idoso, estas provas se tornam oportunidade de amadurecimento espiritual.

Não posso concluir este parágrafo sem fazer referência a um testemunho do coirmão já citado, falecido em julho de 2013. Nos últimos dias da vida, no seu leito de morte, escreveu suas derradeiras palavras, pedindo que fossem lidas na celebração das suas exéquias: “Como é bonito morrer sem ódio e sem rancor, cercado de amor! Como é bonito estar cercado não só do Amor de Deus mas também muito cercado do amor de vocês, familiares, parentes, amigos (as) de tantos lugares.”

Para dialogar:

- a) Quais são as fontes que alimentam a espiritualidade que me prepara para viver a última fase da minha vida?
- b) Como eu expresso e cultivo essa espiritualidade? Quais são seus principais traços?
- c) Qual é o espaço que a espiritualidade (não as práticas de piedade) ocupa no cuidado e acompanhamento dos/as religiosos/as em nossas casas de longa permanência?
- d) De que modo temos ajudado os/as consagrados a viverem com confiança e serenidade sua entrega definitiva na morte?

Referências

ANDREOLI, Vittorio, *Preti. Viaggio fra gli uomini del sacro*. Milão, Piemme, 2009.

BOBBIO, Norberto, *Elogio da Serenidade e outros escritos morais*. São Paulo, Unesp, 2002.

CAMARA, Dom Helder, “Não se deixe transformar em vinagre”, disponível em:

<http://cvssemprejovens.blogspot.com.br/2013/01/nao-se-deixe-transformar-em-vinagre.html> (acessado em 24.02.2014).

JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo (25.03.1996). São Paulo, Paulus. 1996.

João Paulo II, Carta aos Anciãos

(01.10.1999): https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_01101999_elderly.html

Acesso em: 28 de abril de 2019.

LORSCHETER, Aloísio, “Envelhecer com sabedoria”.

Disponível em:

http://www.catequistaroberto.com.br/2012/07/envelhecer-com-sabedoria.html?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+BlogDoCatequistaRoberto+%28Blog+do+Catequista+Roberto%29 Acesso em 24.02.2014.

PAOLI, Arturo, *Espiritualidade hoje: comunhão solidária e profética*. São Paulo, Paulnas, 1987.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ir. Aldinha Inês Welzbacher
Coordenadora da CRB/RS

Desde a tenra idade, aprendemos a carregar o fruto do trabalho. Pesamos produtos, analisamos sua qualidade, durabilidade e espécie. Medimos a extensão do terreno e as forças que possuímos para ali plantar e cultivar. Assim aconteceu com as reflexões contidas neste volume: parar, pesar os frutos cultivados, analisar sua qualidade, aprender, ressignificar e projetar a caminhada humana, cristã e religiosa com novo ardor e ela missionário. É imprescindível a ressignificação da Vida Religiosa Consagrada, no hoje histórico. Ter coragem de parar, tomar-se pela mão e avaliar a vida, de acordo com os valores evangélicos e congregacionais, revendo e projetando a presença profética e comprometida nos espaços de missão.

A Vida Religiosa Consagrada precisa sair de si mesma, rumo às periferias existenciais, lá onde a vida clama. O Papa Francisco alerta enfaticamente sobre a necessidade de sair da zona de conforto, pisar no “chão” da vida e colocar-se a caminho. Nesse contexto, estamos inseridos e somos convocados a ir ao encontro dos preferidos de Deus que se encontram à margem, tornando visível o Evangelho de Jesus Cristo, num mundo de profundas e

complexas mudanças que ameaçam a vida e ferem a dignidade das filhas e filhos de Deus.

Hoje, mais do que nunca, há uma acelerada busca por novas formas de vida em comunidade, com leveza nas estruturas, maior proximidade com os pobres, simplicidade, compreensão e respeito na diversidade e dignidade para com ser humano. São novas formas assumidas por grupos que tentam corresponder ao chamado de sua vocação, com autonomia, tendo como seu público alvo os excluídos.

Na geração adulta, constata-se que a Vida Religiosa Consagrada vive um momento de forte ativismo, cansaço, depressão e, muitas vezes, enfraquecimento do próprio sentido de viver a consagração com intensidade, audácia e profetismo, devido às demandas das instituições. Nesse contexto, Pe. Itacir Bressiani faz a reflexão: “Não é fora de propósito perguntar se não estaríamos impondo a esta geração fardos pesados demais, supondo energias ilimitadas que não existem e desconhecendo necessidades próprias desta faixa de idade”. Os consagrados e consagradas hoje podem descobrir um novo caminho para anunciar que a vida do ser humano e do Planeta, dom precioso de Deus, haverão de ser respeitados em sua dignidade e diversidade.

O envelhecimento é uma etapa normal do desenvolvimento humano e, como tal, apresenta limites e possibilidades. Percebe-se uma grande preocupação com o declínio da idade e o crescimento das enfermidades e, conseqüentemente, a diminuição das forças na missão. Esta é uma das realidades que podem afastar a motivação das novas gerações à Vida Religiosa Consagrada, como também os conflitos geracionais e o conforto que a vida social oferece nos dias atuais. Somos convocados/as a tecer novas relações de misericórdia, amor, escuta, solidariedade, vivência da verdade, com atitudes de humanização, priorizando os empobrecidos, excluídos pela etnia, classe social, genocídio, abusos das mais diversas situações e outros.

Para superar os conflitos que se apresentam em nossa vida, é necessário um constante discernimento de nossa vocação e missão, com profunda espiritualidade, enraizada no Mistério Pascal, porque ela floresce nos corações onde encontra vigor, audácia, esperança e fidelidade ao Evangelho. A intimidade com o Senhor nos capacita para a liberdade interior, firmeza nas escolhas e comportamentos íntegros e saudáveis.

Das profundas fraquezas e ameaças que o tempo nos impõe, somos encorajadas e encorajados a vislumbrar um novo horizonte, solidificando nossas atitudes e ações no anúncio da Palavra, com a marca de uma Vida Religiosa Consagrada profética e missionária,

em direção à defesa e promoção da vida, onde a pessoa possa se apropriar de sua cidadania e protagonismo humano e cristão.

Finalizo, afirmando que a Vida Religiosa Consagrada, vivida nos passos de Jesus de Nazaré é, por excelência, profética e missionária; sem esse ardor, perde a razão de ser para a humanidade.

